

Abril de 2011 ©Hugo Penedones

Todos os formatos digitais deste livro podem ser distribuídos livremente. Se estiver interessado, poderá também encomendar o livro em papel através da página:

<http://www.anossavez.net>

Quaisquer outras versões impressas não podem ser vendidas sem a permissão do autor.

Para qualquer esclarecimento, o autor deve ser contactado através do endereço:

autor@anossavez.net

Para todas as pessoas que querem dar mais.

Conteúdo

Prefácio	1
Direita ou Esquerda?	3
Criação de riqueza	7
Pertencer a um grupo	11
Dogmas	13
Os interesses comuns	17
Sempre insatisfeitos	21
Por favor, despeçam o meu professor!	25
Talentos diferentes	29
Tenho uma casa vazia	33
Telemóveis e homicídios	37

A falácia do desemprego	41
O milagre da transparência	47
O fim da televisão	53
O fim dos bancos	57
O fim da geoestratégia militar	61
O fim do exército	65
Idades de reforma e natalidade	69
Pagar o custo real	73
Reciclar, reutilizar, reduzir	77
A importância do sentido de humor	81
A importância da determinação	83
A importância de nos conhecermos	87
A importância dos direitos das minorias	89
À espera de um salvador	91
Geração à Rasca e o 25 de Abril 2.0	95
O que temos a ganhar?	99

David contra Golias	103
---------------------	-----

Prólogo	109
---------	-----

Agradecimentos	111
----------------	-----

Sobre o autor	113
---------------	-----

Prefácio

Quase nenhuma das ideias apresentadas neste livro é original.

Aqui, apenas exponho a minha visão do mundo. Esta foi sendo moldada pelas experiências que tive, através de leituras e viagens que fiz, músicas que ouvi, filmes ou documentários que vi, auto-reflexões, discussões que tive com amigos e familiares, etc.

Não acho que tenha razão em tudo o que digo. Há pessoas que sabem muito mais do que eu em certos domínios e vão chamar-me à atenção para as coisas erradas que disse. É exatamente isso que procuro! Numa discussão entre duas pessoas, normalmente queremos sair vencedores e dizer “eu tinha razão”. Por vezes também cometo esse erro, mas tenho consciência que isso é só uma vontade do meu ego. A maior vitória que se pode ter numa discussão é chegar ao final e reconhecer que não se tinha razão. Porquê? Porque só nesse caso é que aprendemos alguma coisa. Quando se tem sempre razão nunca se aprende nada com os outros. Não desejo uma vida tão aborrecida a ninguém e muito menos para mim!

Este livro é um esforço para comunicar de maneira simples aquelas que são as boas ideias que aprendi com outros.

A maioria das soluções para os problemas que vivemos já existe. Só precisamos de ter abertura para ir procurá-las, e depois meter mãos à obra.

Também não advogo ser um exemplo perfeito a seguir, nem uma pessoa 100% consistente com os princípios que defende. Por vezes falo de alterações climáticas, mas também ando de avião e de transportes individuais.¹ Por vezes falo da luta contra a pobreza, mas também gosto dos meus pequenos luxos. Nem sempre a minha prática corresponde à minha teoria. Mas também não é isso que espero das pessoas. Ninguém é perfeito e por vezes somos fracos de mais para seguir a 100% os nossos próprios princípios. Não tenho esperanças que isso vá alguma vez mudar. O que defendo neste livro é que podemos mudar as regras de como os sistemas funcionam. Um sistema pode funcionar perfeitamente, mesmo se nenhum dos seus componentes for perfeito. Se isso for uma surpresa para si, saiba que cada vez que utiliza a Internet é isso que está a acontecer. As redes de comunicação usam protocolos tolerantes a falhas. Na ciência é a mesma coisa. Nenhum cientista sabe tudo ou tem sempre razão², no entanto, como comunidade, as coisas avançam bem. Uns corrigem os erros dos outros.

Se pensa que este mundo é complexo, injusto e está cada vez pior, venha comigo descobrir por que deveria ser muito mais otimista! ☺

¹Tento minimizar isso pagando pelas compensações de CO_2 dos voos que faço e tendo um pequeno carro para duas pessoas. Ainda assim, podia fazer muito melhor.

²Einstein estava errado em algumas das suas visões sobre a Mecânica Quântica

Direita ou Esquerda?

Quando me perguntam se sou de Direita ou de Esquerda, respondo sempre: “Não sei. Eu quero é andar para a frente!”.

Depois de algumas gargalhadas, a pessoa em face começa a mostrar uma expressão de perplexidade: “Como assim? Existe mais alguma coisa?”.

Passo a explicar: ser de Direita ou de Esquerda é como ser médico e prescrever sempre a mesma receita, independentemente do doente. “Tem uma infecção? Tome antibióticos. Doem-lhe as costas? Tome antibióticos. Vê mal ao longe? Tome antibióticos. Está deprimido?”.

O corpo humano é um sistema muito complexo, constituído por dezenas de órgãos diferentes. Cada órgão pode ter milhares de milhões de pequenas células e cada célula tem ainda inúmeros componentes e mecanismos de regulação. Compreensivelmente, quando uma pessoa se sente mal, o diagnóstico médico e a escolha de um tratamento são tarefas muito difíceis. Por essa razão é que os médicos passam anos a aprender a fazer isso.

As sociedades não são menos complexas do que o corpo humano. Existem indivíduos, famílias, empresas, partidos, religiões, países, federações, etc. Tudo isto tem de ser coordenado e o bom funcionamento da sociedade é um equilíbrio difícil e instável. Por vezes corre mal e há pobreza, há desemprego, há

guerras, há crime, há conflitos sociais, e por aí fora.

Portanto, como é que alguém minimamente realista e pragmático, pode esperar que uma ideologia política ou económica cure todos os males? Os problemas têm de ser diagnosticados caso por caso e as soluções têm de ser adaptadas ao “paciente”.

Vou dar-vos um exemplo. No parágrafo seguinte, sem nunca me contradizer, vou dizer bem e mal sobre a revolução socialista Cubana.

Em 1959, Cuba era fundamentalmente uma pequena ilhota dominada por interesses americanos. Era essencialmente um destino para gente rica ir jogar a casinos e ficar em hotéis luxuosos. Ao mesmo tempo, a população local era muito pobre e não tinha acesso a serviços essenciais como a educação ou sistema de saúde pública.

Façamos o seguinte exercício: dadas as condições sociais, o contexto histórico e as ferramentas ao dispor, o que é que um bom médico poderia receitar para esse doente em 1959? “Façam uma revolução socialista, nacionalizem os centros de produção, comecem programas de alfabetização e criem cooperativas agrícolas.” Ótima receita, dadas as condições de partida. Talvez o medicamento, mesmo na altura, não tivesse sido perfeito, mas fizeram o que estava ao seu alcance.

Mas, tal como o paciente que toma um antibiótico para eliminar bactérias ou fungos que causam uma infeção, se ele continuar a tomar antibióticos por muito tempo, vai fazer mais mal do que bem. Vai talvez matar a flora intestinal que lhe é benéfica e o paciente vai sentir-se muito fraco.

Do mesmo modo, a Cuba da atualidade já tomou antibióticos de mais. Muitos cubanos pedem desesperadamente por mais liberdades e maior abertura dos mercados. Querem criar pequenos negócios para combater a pobreza. Em Cuba, a quase totalidade da população tem acesso à educação (mesmo

superior) e à saúde. Isso é ótimo. O problema é que depois de estudarem, as pessoas não têm a liberdade para aplicar aquilo que aprenderam na Universidade aos problemas reais. O empreendedorismo é castrado (será que a palavra deriva de “Castro”?). Numa visita que fiz à ilha em 2007, conheci um jovem que tinha estudado Engenharia Civil, mas o Estado alocou-o a um trabalho burocrático sem interesse, onde não usa o que aprendeu. Ao mesmo tempo, Havana cai de podre. As casas estão quase todas muito degradadas, com a exceção do pequeno centro histórico, essencialmente feito para os turistas. Que pena, que desperdício de potencial humano!

Da próxima vez que lhe perguntarem: “É de Direita ou de Esquerda?”, pense se quer andar às voltas, ou se prefere andar para a frente.

Leitura recomendada

- “The End of Poverty” de Jeffrey Sachs, 2006. O autor é professor de Economia e dirige o “Earth Institute” na “Columbia University” nos EUA. Foi um dos propulsores das metas de desenvolvimento do Milénio, programa das Nações Unidas para o desenvolvimento.

Viagem recomendada

- Se tiver um país que considera como um modelo a seguir, vá lá visitá-lo. Se tiver oportunidade, viva lá durante algum tempo. Observe as pessoas e fale com elas na rua. Vá com a mente aberta e sem ideias pré-concebidas. Não vá só à procura de confirmar os seus estereótipos. No regresso, questione-se e veja se sua opinião é a mesma, ou se houve algo que mudou.

Criação de riqueza

Quando somos crianças, ou adolescentes, os nossos pais dão-nos algum dinheiro de bolso. Temos uma semanada para poder comer, ir ao cinema ou comprar um CD. Os nossos pais dão-nos uma fatia do que têm para podermos fazer essas coisas. Quando queremos mais dinheiro, pedimos mais aos nossos pais. No entanto, fica claro que existe um limite no que podemos obter e que o “dinheiro não cresce nas árvores”.

Até aqui tudo bem, isto faz parte do modelo simplificado que temos de aprender como crianças. O problema é quando nos tornamos adultos e o nosso modelo económico do mundo é o mesmo. Pensamos que a riqueza é fixa e que só temos de tentar receber uma parte “justa” dessa grande “tarte”.

Ora isto, não pode estar mais longe da realidade. A riqueza cria-se. Não existe nenhuma “tarte” de tamanho fixo que deva ser dividida “justamente” por todos. A tarte pode crescer, tem sempre vindo a crescer, e muito rápido!

Se isto é novidade para si, esta é uma das mensagens mais importantes deste livro: para ter uma fatia maior, ninguém tem de ficar com uma fatia menor. **Todos podemos ganhar!**

Para percebermos o que se está a passar, vamos começar por fazer uma distinção muito simples. ³

³Nota: se estudou um bocadinho de Teoria Económica este capítulo

A *riqueza* é o conjunto de bens e serviços que as pessoas precisam e valorizam. Todos precisamos de água, comida, agasalho e abrigo. Queremos ter proteção e saúde. Queremos deslocar-nos e, portanto, valorizamos também os meios de transporte. Quando temos tudo isto (e até antes) também valorizamos o entretenimento, o lazer e o desporto. Queremos ter prazer na vida. Se tivermos acesso a tudo isto, temos acesso a *riqueza*.

O *dinheiro* é uma coisa completamente diferente. O dinheiro é uma invenção humana para facilitar a troca de riqueza entre as pessoas. Antes de termos inventado alguma forma de dinheiro (minérios, moedas), as pessoas já criavam e transferiam riqueza. Só que tinham de o fazer de uma forma um pouco rudimentar. Uma pessoa cultivava batatas, outra criava animais e, depois, trocavam em “géneros” (o que aliás ainda continua a acontecer, hoje em dia). O problema é que não é nada conveniente fazer trocas de bens ou serviços diretamente. É mais prático ter uma representação de *riqueza*, que sirva de intermediário nas transações: o *dinheiro*. Fantástico, não? *O dinheiro foi uma grande invenção.*

Agora que sabemos o que se são estes conceitos, podemos começar a perceber como é que a riqueza total pode aumentar. Isso pode acontecer fundamentalmente de três formas distintas:

1. Especialização
2. Organização do trabalho
3. Introdução de tecnologia

Vamos imaginar que vivemos numa pequena aldeia primitiva, isolada do resto do mundo, e tentar perceber como é que

talvez seja elementar de mais para si.

toda a aldeia pode ficar mais “rica”.

Assumamos que inicialmente cada habitante tem de fazer todas as tarefas necessárias à sua sobrevivência. Tem de caçar, cultivar uma mini-horta, ir buscar água, construir a sua própria palhota e fazer as suas próprias ferramentas (facas, arcos, etc.). Aqui existe uma oportunidade para aumentar a riqueza total da aldeia através da *especialização do trabalho*. A solução óbvia é dizer: a partir de agora um conjunto de pessoas apenas caça, outro apenas cultiva hortas, outro carrega água, outro faz ferramentas. Porque é que isto é vantajoso? Porque se cada pessoa só tiver de fazer uma coisa, pode aprender a fazê-la realmente bem. Uns podem treinar a precisão de tiro para matar animais. Outros podem aprender melhor quando semear cada semente e como tratar as plantas. Outros podem ganhar mais força para transportar mais água, etc. Deste modo a aldeia passa a ter mais caça, mais produtos agrícolas e mais água. Ficaram mais ricos.

O poder da especialização é ainda mais evidente no mundo desportivo atual. Um atleta não pode ser ao mesmo tempo um bom lutador de sumo e ganhar maratonas. Para um é preciso ser-se gordo, para outro é preciso ser-se magro. Se escolher um dos desportos pode decidir engordar ou emagrecer, mas não os dois ao mesmo tempo.

A *organização do trabalho* é uma categoria mais abrangente, à qual podíamos chamar “boa gestão”. Trata de encontrar sinergias, de partilhar recursos, de planear e coordenar. Na “nossa” aldeia preferida, isto passaria por: agregar pequenos terrenos e cultivar o mesmo de tipo de vegetais em grandes áreas adjacentes. Deste modo para fazer uma colheita, só vamos para um local, não passamos o dia a transportar pessoas e materiais de um lado para o outro, com deslocamentos de quilómetros.

A terceira opção é, provavelmente, a mais poderosa e transformadora: a *introdução de tecnologia*. Se os agricultores da nossa aldeia passarem a lavrar a terra com a ajuda de um animal e um arado, em vez do trabalho manual com enxadas, então faz-se muito mais em menos tempo. Isso permite cultivar mais terras com o mesmo número de pessoas. A aldeia ficou mais rica. De igual modo, se transportarem materiais em carroças, em vez de pequenos cestos às costas, podem ganhar tempo e fazer mais. Ficaram mais ricos.

A história da humanidade tem sido esta. Uma constante combinação destes princípios de criação de riqueza para as sociedades terem maior abundância de bens e serviços. Note-se que, nesta pequena aldeia, ninguém ficou mais rico por roubar o seu vizinho ou por fazer guerras contra outras aldeias e explorar os seus recursos. Essas atividades não criam riqueza. Antes pelo contrário, podem destruí-la. Também haveria menos criação de riqueza na aldeia se os benefícios tivessem sido feitos de forma não sustentável, por exemplo: se tivessem destruído florestas a um ritmo mais elevado do que elas podem crescer ou se tivessem poluído um rio de forma irreversível.

Todos sabemos que estes aspetos de destruição de riqueza e de falta de sustentabilidade aconteceram e continuam a acontecer. O que interessa reter deste pequeno capítulo introdutório é que é possível enriquecer de maneira sustentável. Este livro tem uma mensagem otimista. Propõe maneiras de fazermos isso bem feito nos dias de hoje.

Continuem comigo, isto vai ficar mais animado!

Pertencer a um grupo

Aparentemente está-nos no sangue. Pertencemos a uma família, a uma etnia, a um país, a um partido político, a um clube de futebol, a uma classe social, a uma religião. Os seres humanos gostam de pertencer a grupos. Sentem-se mais seguros. Isto é compreensível e pode até ser explicado em termos evolucionários. Faz todo o sentido que tenhamos aprendido esse comportamento, para assegurar a nossa sobrevivência. Frágeis como somos, não conseguiríamos viver isolados e, uma vez em grupo, temos de confiar nos outros membros. Até os lobos e leões andam em grupos!

O problema dos grupos é que é um pau de dois bicos. “Se estiveres connosco, protegemos-te. Se seguires as nossas regras tudo corre bem. Se pensares pela tua própria cabeça, és um traidor!”. E já sabemos qual é o destino dos traidores. Na altura da Santa Inquisição, chamavam-se “hereges” e morriam nas fogueiras.

A teoria evolutiva pode explicar as raízes deste comportamento, mas hoje em dia não pode ser utilizada para o justificar. Porque é que as pessoas defendem tanto os grupos a que pertencem? Afinal de contas isso aconteceu de forma arbitrária. Porque haveria a religião do país onde nasci de ser a melhor? Porque é que o clube de futebol da minha cidade é o melhor e devo odiar as pessoas com um cachecol diferente? O que

é que o tom da pele das pessoas tem a ver com o seu valor? Se tivesse nascido noutra família ou continente, naturalmente estaria do outro lado da barricada.

Há grupos a aparecer e desaparecer a toda a hora. E a maneira mais eficaz de criar um grupo muito unido é encontrar um inimigo comum. Durante uma guerra contra outro país, ninguém faz discussões internas! Durante um jogo de futebol, adeptos do mesmo clube abraçam-se e insultam os da outra claue, mesmo que do outro lado estejam pessoas com quase tudo em comum com eles.

Como tudo na vida, isto tem coisas boas e más, mas se pudesse pedir um desejo dizia: juntem-se a grupos para lutarem por objetivos comuns, mas nunca abdicuem do vosso cérebro. Não deixem o grupo pensar por vocês. Mantenham o espírito crítico. Pode ser que uma vez o outro lado tenha razão. Se há coisa que não queremos delegar é a nossa liberdade de decidir a cada momento.

Música recomendada

- “Nasce Selvagem” dos “Resistência”. Se não gostar da banda ou da sonoridade, leia apenas a letra. Está lá tudo dito!

Dogmas

Nos últimos anos temos assistido a um debate aceso nos Estados Unidos quanto ao papel da ciência e da religião. Movimentos religiosos conservadores defendem que se devem ensinar as teorias criacionistas nos programas escolares, lado a lado com (ou mesmo substituindo) as teorias evolutivas de Darwin.

Ter uma educação sobre a história das religiões do mundo, é certamente algo de muito útil. É uma peça fundamental da nossa cultura. No entanto, será que o Criacionismo e a Evolução são duas teorias igualmente válidas? Será que os cientistas acreditam na Evolução da mesma forma que os religiosos acreditam no Criacionismo?

A resposta é um estrondoso “não”!

E a explicação é muito simples, como Richard Dawkins descreve no seu fantástico livro “The God Delusion”: para um cientista, o que conta é o teste da realidade. Um cientista “acredita” na teoria de Darwin enquanto toda a evidência experimental a suportar. Se amanhã aparecerem fósseis de espécies consideradas “recentes” e se forem datados como tendo centenas de milhões de anos, algo tem de ser revisto. A atitude científica seria de imediatamente dizer: “a teoria de Darwin estava errada ou incompleta. Temos de encontrar uma melhor!”.

Por contraposição, para um crente dogmático, a realidade não importa. Mesmo que tenhamos toda a evidência para

suportar a evolução das espécies (testes de DNA, registo de fósseis, etc.), um crente continua a “acreditar” que Deus criou o homem diretamente. E a mulher a partir de uma das suas costelas!

Mesmo havendo evidência de que a idade do planeta Terra é cerca de 4500 milhões de anos, um crente continua a defender que o mundo foi criado há menos de 10 mil anos. A partir do nada, em 7 dias.

Esta atitude seria engraçada se não tivesse uma propriedade: é perigosíssima.

As crenças dogmáticas são perigosas na religião e também na política. Não sei os números exatos, mas os dogmas devem ter servido para justificar uma grande percentagem de guerras no mundo. Desde as Cruzadas, passando pelas Guerras Mundiais, até à Guerra fria. E continuamos a lutar por dogmas. Gostamos de matar por isso.

Se defende uma ideologia pré-definida, que nunca se questiona, um dia vai estar errado(a) e não se vai aperceber. Se escolher ser “Marxista”, “Capitalista”, “Anarquista”, ou qualquer outra teoria “completa”, corre o risco de fechar os olhos para o mundo.

Como disse Einstein: “A verdade é aquilo que passa no teste da experiência.”.

O que precisamos é de pessoas que aceitem a realidade como ela é e que façam o seu melhor para a transformar de acordo com os interesses comuns - os interesses que todos partilhamos.

Esse é o tema do próximo capítulo.

Livros recomendados:

- “The God Delusion”, de Richard Dawkins, 2006. Livro escrito por um professor de Biologia na Universidade de Oxford. Ateu convicto, Dawkins refuta, um por um, todos os argumentos que as religiões utilizam para sustentar as suas crenças.
- “The Demon-Haunted World: Science as a Candle in the Dark”, de Carl Sagan, 1997 - Este famoso livro de Carl Sagan fala da importância do ceticismo e do espírito crítico. Dá especial destaque a algumas crenças recentes, como as teorias de conspiração sobre OVNI's.

Os interesses comuns

É legítimo perguntarmos: “Há algum conjunto de coisas que todos queiramos? Algo que seja muito consensual? Ou será que estamos condenados a debates eternos sobre todo e qualquer princípio?”

Talvez não haja nada em que todas as pessoas do mundo estejam de acordo.

No entanto, arrisco-me a dizer que a esmagadora maioria das pessoas gostaria de ter algo como:

- paz e segurança;
- fim da pobreza;
- respeito dos direitos humanos;
- respeito pelo ambiente;
- acesso à educação e à saúde;
- liberdade de expressão;
- liberdades individuais.

A discussão surge normalmente quanto à melhor forma de atingirmos estes objetivos e não tanto quanto ao facto de serem

ou não coisas desejáveis. Excluindo alguns extremistas radicais, esta lista deve ser bastante consensual, mesmo a nível global.

Mas se estamos de acordo quanto ao destino, as boas novidades são: o caminho descobre-se de maneira científica. Observamos a realidade, construímos hipóteses quanto às melhores políticas, implementamos e, finalmente, medimos. Se resultou, ótimo. Caso contrário, é preciso rever a nossa hipótese quanto à melhor política a seguir.

Algumas pessoas preocupam-se também em demasia com a clareza e a precisão na definição dos conceitos e dos objetivos. São fanáticos da exatidão. Dizem: “como podemos fazer políticas para sermos felizes, se não sabemos o que é a *Felicidade*?”. E o que é a *Justiça*?

As boas notícias são: não precisamos que os conceitos sejam definidos assim tão rigorosamente para se fazer progresso!

Mesmo a ciência, área dominada pela objetividade e pela exatidão, progride explorando conceitos muito mal definidos. Aliás, é um dos seus objetivos: definir mais precisamente alguns conceitos que compreendemos só de forma “intuitiva”. Os biólogos, por exemplo, não têm nenhuma definição universalmente aceite e totalmente precisa do que significa a palavra “Vida”. Onde é que está exatamente o limiar entre seres vivos e seres não vivos? São tudo conjuntos de moléculas. Assumimos que a fronteira está pela zona dos “vírus”. Os vírus são algo com propriedades que atribuímos aos seres vivos e outras aos seres não vivos. E também não sabemos quais são as formas de “vida” noutros planetas e se estas estão de acordo com as nossas definições atuais. Mas foi isso que impediu a Biologia de fazer enormes progressos durante décadas. Num certo sentido, a Biologia não sabe o que anda a estudar, mas sabe cada vez mais sobre isso!

Noutros domínios da ciência, acontece o mesmo. Fazemos investigação em “Inteligência Artificial”, mas ninguém sabe exatamente o que quer dizer ser-se “Inteligente”, nem sabemos bem como medir essa propriedade, seja nos humanos, nos animais, ou nos computadores. Apenas temos aproximações. E não é por causa disso que não se fazem progressos incríveis. Já temos aplicações em muitos domínios, como a visão, processamento de fala, linguagem natural, sistemas de dedução automáticos, planeamento, robótica, etc.

A mensagem deste capítulo é essa. Podemos ir avançando mesmo que só tenhamos uma ideia aproximada de qual é o nosso destino final. E quanto mais perto estivermos dele, mais fácil será ter mais precisão. Não é assim que fazemos viagens?

O poeta Sevilhano, António Machado, é conhecido por ter dito algo como “O caminho faz-se caminhando.”.

Eu também acho que sim.

Leitura recomendada:

- “The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values”, Sam Harris, 2010. - Um livro sobre a visão científica da moralidade humana

Sempre insatisfeitos

Imagine a seguinte hipótese no contexto da Teoria Evolutiva das Espécies: se existir um animal com capacidades de previsão e raciocínio, que seja capaz de alterar o ambiente à sua volta e que esteja sempre insatisfeito, este vai dominar o planeta.

Eu acho que foi isto que aconteceu com o Ser Humano!

Esta minha teoria é simplista, especulativa, e nem sequer é facilmente falsificável, mas acho que é um bom ponto de partida para aquilo de que quero falar neste capítulo: esta mania muito humana de nunca estar contente com o que se tem.

Por vezes, gosto de passear a pé à beira de lagos. Muitas das vezes, sou presenteado com a observação de magníficos animais. Os que me fascinam mais são aves, como os patos ou os cisnes. Cada vez que vejo estas espécies digo para comigo mesmo: “Uau! Também queria ser assim!” Conseguem voar, andar, nadar e até mergulhar debaixo de água. Não precisam de tecnologia e estão perfeitamente adaptadas ao meio. Porque é que eu, com um cérebro maior, tenho de andar aqui preocupado com empregos, políticas, tecnologias, etc.? Gostava de ser um cisne! ⁴.

⁴Normalmente até digo: “gostava de ser um pato!” (o que tem muito mais piada) mas pensei que, para um livro, devia escolher a ave mais

A teoria que quero defender é: não estamos sempre insatisfeitos porque nos habituámos a ter muito. Pelo contrário, conseguimos ter muito, porque estamos sempre insatisfeitos.

Apesar de algo muito especulativo, quero falar das razões pelas quais comecei a acreditar nesta “teoria”.

Tudo começou recentemente, quando li os primeiros capítulos do novo livro do neurocientista português, António Damásio: “The self comes to mind”. Damásio fala da evolução das espécies e de como os organismos unicelulares já têm mecanismos para regular as “boas condições de vida”, a chamada *homeostasia*. Para os organismos unicelulares isso passa por reagir a parâmetros simples, como a acidez do meio ou a temperatura. Depois a vida evoluiu para sistemas multicelulares, e alguns destes, para se regularem melhor, “encontraram” novas “soluções”: as células nervosas. Estas permitiram a troca de informação entre as diferentes células do organismo, e uma melhor coordenação na gestão das necessidades e dos recursos.

Algumas espécies desenvolveram ainda maneiras mais elaboradas de garantir a sua sobrevivência. Os animais, por exemplo, tendo capacidade para se deslocarem, podem procurar ambientes mais propícios para si, enquanto que, por exemplo, as plantas, estão sujeitas às condições da terra onde nascerem. Nunca podem ir espontaneamente para um sítio com mais água ou mais sol. As espécies animais também foram desenvolvendo melhores sensores (olhos, ouvidos, etc.) e mais capacidade de processamento de informação (maiores cérebros). Mas o interesse desses avanços para os indivíduos e as suas espécies foi sempre o mesmo: melhor regular a *homeostasia*. Ou seja, ter mais controlo sobre como satisfazer as necessidades e evitar ameaças do exterior.

O ser humano é apenas a espécie do planeta Terra que é

mais sensível às condições e que tem maior capacidade para as mudar. Por isso, nos tornámos na espécie dominante.

Enquanto que uma bactéria consegue sentir a acidez do seu ambiente, nós conseguimos sentir as condições atuais e fazer previsões para o futuro a muito longo prazo. Um ser humano, mesmo que num dado instante não tenha frio, não tenha fome, não tenha sede, não esteja em perigo, esteja numa posição confortável, ainda é capaz de estar preocupado com o que lhe pode acontecer daqui a 30 anos. Pensa, por exemplo: “será que vou ter uma boa reforma?”.

Ora, esta capacidade de previsão dos seres humanos é, ao mesmo tempo, a nossa maior bênção e a nossa maior maldição!

Nunca estamos satisfeitos. Queremos sempre condições melhores.

Quanto a isto não há grande coisa a fazer no curto prazo, é a nossa biologia.

No entanto, acredito que a Humanidade está a chegar a uma época histórica em que finalmente as condições que temos podem ser suficientes, ou quase.

Se não forem suficientes, pelo menos as coisas têm vindo a melhorar muito. Num *ranking* sobre a perceção subjetiva quanto à nossa satisfação de vida, os resultados foram claros. Em 2009, o *top* 5 era constituído pela Costa Rica, Dinamarca, Islândia, Suíça e Finlândia. E os cinco últimos eram o Benin, o Zimbábwe, o Burundi, a Tanzânia e, finalmente, o Togo.⁵ Existe uma grande correlação entre a riqueza de um país e a satisfação de vida dos seus habitantes. Mas curiosamente, o *ranking* também nos mostra que a nossa crença de que o “o dinheiro não é tudo” também pode ser verdade, como a Costa Rica ilustra. Para reforçar essa ideia, basta ver que os EUA

⁵Fonte: Veenhoven. R.. Average happiness in 149 nations 2000-2009. World Database of Happiness.

ocupam apenas o 21º lugar e a Alemanha aparece em 29º. O Butão⁶, que não aparece nos dados mais recentes, era em 2006 o oitavo mais satisfeito e apenas o 132º mais rico. Portugal é o 32º país mais rico (per capita)⁷, mas vive no pessimismo, ocupando o 83º lugar em termos de satisfação de vida.

Os economistas e os políticos do futuro vão olhar cada vez mais para indicadores como estes. Ao fazê-lo, vão perceber que a riqueza é importante para nos trazer satisfação (temos mais escolhas e recursos), mas também vão perceber que a riqueza não é tudo (precisamos de paz social, liberdades individuais, respeito pelo ambiente, etc.).

Leitura recomendada:

- “The self comes to Mind”, António Damásio, 2010. O mais recente livro do famoso neurocientista Português, onde este trata a problemática da consciência duma perspetiva evolucionária.

Rankings recomendados:

- Procure na Wikipedia (ou outras páginas), os *rankings* de países pela sua “Life satisfaction”, “Human Development Index”, “GDP per capita”, “Happy Planet Index”, “Quality of life Index”, e outros.

⁶O Butão orgulha-se de não maximizar o seu “Gross Domestic Product” (PIB), mas sim o seu índice de “Gross Domestic Happiness” que mede a felicidade da população.

⁷Fonte: Fundo Monetário Internacional, PIB nominal per capita, dados de 2009

Por favor, despeçam o meu professor!

Portugal é um país que gosta de futebol. Gostamos que o nosso clube seja o mais forte. Queremos que ganhe o máximo de competições possíveis. Queremos desempenhos ao mais alto nível.

Como passamos tantas horas a pensar nisso, já conhecemos as melhores medidas para atingir o sucesso de uma equipa de profissionais. Uma coisa muito importante é ter os melhores jogadores possíveis. Também é fundamental ter um treinador com capacidades técnicas e de liderança fantásticas. Sabemos que ter boas infraestruturas desportivas é importante, que devemos apostar nas camadas jovens e que dá jeito ter bons “olheiros” que descubram talentos no exterior. Sabemos que quando um jogador (ou treinador) tem, consistentemente, um mau desempenho individual, este deve ser dispensado e devemos contratar alguém com mais talento. Deste modo, aquele que era a “nódoa negra” da equipa vai ser substituído por uma “estrela” e a equipa vai jogar melhor. Óbvio, não? Tudo isto funciona e, por isso, somos ótimos no futebol.

A minha pergunta é apenas a seguinte: porque é que não estamos a fazer o mesmo nas nossas escolas?

A maior parte de nós teve o privilégio de encontrar pro-

fessores brilhantes ao longo dos nossos estudos. Foram verdadeiras “estrelas”. Ensinarão-nos, motivaram-nos, deram-nos lições de vida. Ajudaram-nos a desenvolver o nosso talento. Cada um de vocês deve lembrar-se de alguns bons exemplos de professores. Mas, como numa equipa de futebol, numa escola também há “nódoas negras”. São aqueles professores que não nos ensinaram nada, que não nos motivaram, que foram agressivos, que faltaram de mais. Aqueles cuja paixão não era educar e iam à escola só para marcar o ponto e para receber o salário no final do mês. Esses professores não ajudam. Prejudicam. Destroem o potencial de dezenas ou centenas de alunos. Desmotivam os alunos e desmotivam os seus colegas professores, cuja classe sai denegrida pela incompetência de uma minoria.

Como bons treinadores de bancada, agora no domínio da educação, o que é que parece óbvio fazer?

Por favor, despeçam o meu professor! Contratem uma jovem “estrela”, daquelas que estão no desemprego porque não há mais vagas. Por favor, deixem-me ter uma experiência de educação enriquecedora. Foi isso que me prometeram!

Por esta altura, os mais sindicalistas dirão: “mas despedir pessoas não é horrível? Não podemos simplesmente dar-lhes mais formação e pagar-lhes mais? Todos os professores são igualmente bons.”

A minha resposta é a seguinte: façam isso no vosso clube de futebol favorito! Da próxima vez que tiverem três “pernetas” no onze principal, deixem-nos jogar a titulares até à reforma (talvez uns 10 ou 15 anos mais tarde). Ah, e aumentem-lhes o salário. Paguem-lhes exatamente o mesmo que às “vedetas”.

Boa sorte! ⁸

⁸Neste capítulo assumi que a Educação é um setor tão importante como o futebol. Reconheço que não fundamentei esse “pressuposto”.

Documentário recomendado:

- “Waiting for Superman”, de Davis Guggenheim, 2010. Este filme fala-nos dos problemas do sistema público de ensino nos Estados Unidos, alguns dos quais são muito semelhantes aos de Portugal. Apresenta algumas histórias comoventes de crianças que sonham com oportunidades melhores e mostra algumas soluções que estão a começar a ser implementadas.

Talentos diferentes

No capítulo anterior tentei ilustrar as vantagens da *meritocracia* e da importância da *avaliação do desempenho*. Usei o exemplo do sistema de ensino, mas podia ter falado de qualquer outra área. Todas as organizações funcionam melhor quando têm objetivos claros, metodologias para medir o sucesso, e mecanismos para se livrarem dos incompetentes e premiarem os bons. Neste capítulo, no entanto, quero falar realmente de “Educação”.

O principal problema do sistema educacional atual, tanto em Portugal como na maior parte dos países, é que os seus objetivos são desadequados. O sistema de ensino foca-se demasiado na criação de “académicos”. Há quem diga até que estamos perante uma máquina de selecionar os futuros professores universitários e que esta vai deixando os outros pelo caminho. De facto, se seguir o percurso académico todo: escola primária, escola secundária, ensino superior, doutoramento, é aí que vai terminar. Se completar um doutoramento, embora possa ir trabalhar para uma empresa, o seu destino mais natural será o de se tornar investigador e dar aulas numa Universidade. Isso é ótimo, precisamos de muita ciência e bons professores universitários. Mas as pessoas com esse perfil serão sempre uma minoria.

O que a sociedade precisa é que cada aluno que passa pela

escola encontre o seu talento. Não basta detetar aqueles com perfil académico. Precisamos de excelentes agricultores, carpinteiros, canalizadores, operários, barbeiros, cozinheiros e outros perfis técnicos. Queremos ter excelentes atletas e artistas.

No entanto, se uma criança ou um adolescente chegar à escola e revelar talento em trabalhos manuais, mas tiver dificuldades em Matemática ou em Português, vai imediatamente ser rotulado de “mau aluno”. Pior, vai sofrer a pressão prolongada dos professores e dos pais, que lhe dirão que tem de mudar algo muito rapidamente. Vão dizer-lhe que não vai ter futuro e que se não subir as notas, que avaliam o seu desempenho académico, então nada feito!

No entanto, na década de 80 já alguns psicólogos propuseram uma visão mais alargada da inteligência humana. Uma classificação por Howard Gardner fala de inteligência linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal cinética, intrapessoal, interpessoal, naturalista e existencial. Embora seja uma divisão um pouco arbitrária, e as suas teorias não sejam consensuais entre a comunidade científica, a lição que importa reter é que um ser humano pode demonstrar talento em atividades muito diversas.

A missão do sistema de ensino devia ser a de identificar os interesses e os talentos de cada aluno e ajudar a desenvolvê-los. O que acontece hoje em dia é que queremos que todos os alunos tenham o mesmo perfil. Para mim, é chocante ver a quantidade de alunos que chegam ao 12º ano de escolaridade sem saber muito bem o que querem. Alguns fazem quase um jogo de totoloto quando concorrem para a Universidade. E muitos outros foram já ficando pelo caminho, pois o sistema forçou-os a acreditar que eram uns perdedores.

Curiosamente, o que acontece mais tarde, no mundo profissional, é que o desempenho académico de uma pessoa não é

um indicador muito bom para prever o seu sucesso. Existem outras características mais importantes, como Daniel Goleman diz no seu marcante livro sobre “Inteligência Emocional”. Características pessoais como a determinação, a capacidade de comunicação, a empatia, o espírito de liderança e a capacidade de trabalhar em equipa, acabam por ser muito mais decisivas.

Outro facto que é preciso reconhecer é que cada criança aprende de maneira diferente e a um ritmo diferente. No entanto, a nossa escola ainda está muito dirigida para o aluno médio. Isto prejudica os que têm mais dificuldade, porque vão perder-se, e prejudica os alunos com mais facilidade, porque vão aborrecer-se.

Num projeto recente, chamado “Khan Academy” um jovem americano, Salman Khan, decidiu criar centenas de pequenos vídeos sobre matérias diversas que as crianças e os adolescentes aprendem nos ensinos primário e secundário.⁹ Estes vídeos estão disponíveis *online* de forma gratuita e já se estão a desenrolar projetos piloto em algumas escolas. Basicamente, cada aluno vai aprendendo vendo estes pequenos vídeos e fazendo alguns exercícios no computador. Estes exercícios são totalmente adaptados aos conhecimentos atuais de cada aluno. Ou seja, dentro da mesma sala de aula, cada aluno aprende de acordo com o seu ritmo de aprendizagem: uns vão mais à frente e outros mais atrás. O papel dos professores torna-se mais o de tirar dúvidas pontuais e não tanto o de expor a matéria, pois os alunos podem obter isso através dos vídeos. Outra coisa interessante é que, neste cenário, pode-se fomentar um espírito de entreaajuda entre as crianças. Basta dizer às que estão mais à frente nos exercícios para irem ajudar e tirar dúvidas às que estão mais atrasadas. Para além disso, os professores podem utilizar o *software* para ver uma série

⁹Até existem alguns conteúdos mais dirigidos para o Ensino Superior.

de estatísticas sobre a aprendizagem dos seus alunos. Podem ver onde estes tiveram mais dificuldades, onde falharam mais, onde perderam mais tempo, etc.

Existem inúmeros exemplos de projetos alternativos de educação por esse mundo fora. É altura de o sistema clássico começar a recolher os bons exemplos e transformar-se.

Está na altura de aproveitar todos os talentos, por mais “diferentes” que sejam.

Vídeo recomendado:

- TED talk de Ken Robinson denominada “Schools kill creativity” - uma inspiradora exposição sobre a maneira como as escolas estão a matar a criatividade dos seus alunos e a desaproveitar os seus talentos.

Leitura recomendada:

- “Emotional Intelligence: Why It Can Matter More Than IQ”, Daniel Goleman, 1997. Um livro que se tornou uma obra de referência e que lançou o debate sobre a importância de tipos de inteligência menos “analíticos”.

Ligações recomendadas:

- <http://www.khanacademy.org> - um site com mais de 2 mil pequenos vídeos, sobre os mais diversos materiais, desde o ensino elementar ao início do ensino superior.
- <http://www.euronews.net/lifestyle/learning-world> - documentários, da Euronews, sobre experiências educativas pelo mundo fora.

Tenho uma casa vazia

Vimos de carro para o centro das cidades, que estão desabitadas!

Cada vez que conto isto a um amigo estrangeiro ganho pontos a favor da originalidade de Portugal. Grande ideia: deixar o coração do Porto e de Lisboa ruir; construir casas nos arredores; fazer pontes e túneis; dizer a cada pessoa para comprar um carro e depois passar 1h no trânsito para cada lado. Se eu fosse um ditador sádico não teria conseguido pensar num plano melhor.

O triste de tudo isto é que não foi nenhum ditador sádico que nos meteu nesta situação. Fizemos isto por excesso de protecionismo. Excesso de paternalismo. Fizemos isto por medos irracionais.

Acreditámos que proteger os inquilinos a todo o custo seria bom. Assumimos que o proprietário era o mau da fita e o inquilino a vítima. Mas como sempre, com critérios tão cegos e sem olhar para os efeitos na realidade, acaba-se mal. Quando se aplica uma lei tem de se observar o que acontece e corrigi-la se for preciso. Quando há tantas casas vazias e degradadas alguma coisa deve ter corrido mal, não?

Se for tão difícil expulsar um inquilino, mesmo que não pague a renda há meses, o que é que os proprietários vão fazer? Vão deixar de arrendar. Vão guardar as casas vazias. Quando

as casas do centro estão vazias e ninguém quer correr o risco de as arrendar, o que é que as pessoas têm de fazer? Procurar outro sítio para morar. Na periferia. Onde tudo está mais longe e onde vai ser preciso construir toda a infraestrutura que já existia no centro da cidade (saneamento, rede elétrica, escolas, etc.).

E perguntamos: podia ter sido diferente? Sim. há exemplos de países, como a Suíça, em que os proprietários têm todo o incentivo para arrendar. Se tiverem casas vazias, pagam tantos impostos como se estivessem a receber uma renda dessas casas. Mas, por outro lado, quando um inquilino deixa de pagar, o proprietário sabe que pode expulsá-lo rapidamente e que as suas perdas são compensados pela caução que foi depositada no início do contrato. O objetivo não é mandar os inquilinos pobres para baixo da ponte. Nos casos em que realmente estes precisem de ajuda, deve haver um sistema de ação social forte que lhes dê apoio. Se os nossos medos irracionais estivessem certos, o que deveria estar a acontecer na Suíça? Devia haver muitos sem abrigo, todas as pessoas quereriam ter casa própria para não correrem o risco de acabarem debaixo da ponte. Mas qual é realidade? Há poucos problemas de habitação e só cerca de 35% da população tem casa própria ¹⁰, o resto opta por arrendar. Por sua vez, em Portugal, cerca de 75% das famílias vivem em casa própria. ¹¹

Nunca se esqueçam de olhar para os efeitos de uma lei, que até podia fazer sentido quando foi aprovada. A realidade muda. E a realidade tem sempre razão. Não queremos melhorar um mundo virtual!

¹⁰Fonte: Office Fédéral de la statistique Suisse, dados de 2000.

¹¹Fonte: European Mortgage Federation, dados de 2001.

Atividade recomendada:

- Dê um passeio pela sua rua e conte quantas casas ou apartamentos estão habitados. Quantos estão vazios?
- Durante o mesmo passeio, conte quantas casas têm um aspeto bem tratado e quantas têm um ar desleixado.

Reflexão recomendada

- O que pode fazer para melhorar as coisas? Se tem uma casa vazia: pode arrendá-la? Se precisa de casa: pode arrendar uma, recuperar uma casa que já existe, ou tem necessariamente de construir uma nova?

Telemóveis e homicídios

Este capítulo é dos mais arriscados para mim. Não sei nada sobre o Sistema de Justiça português. Não estudei Direito, nunca fui a um julgamento, e dentro do meu círculo de amigos há poucos advogados. Para mim, como Engenheiro, o Sistema de Justiça é uma “caixa negra”, ou seja, não sei o que se passa por dentro mas sei as funções e propriedades que deve ter. Do Sistema de Justiça espero que seja eficaz, que cometa poucos erros, e que seja rápido. Ou seja, espero que os processos se concluam, que a lei seja aplicada, e dentro de prazos razoáveis. Pelo que ouço dizer à minha volta, não é o que anda a acontecer. Como eu não sei nada sobre Justiça, tenho de falar usando as ferramentas e a terminologia que conheço. Eu sei programar computadores (e acho que até o faço bastante bem). “Programar computadores? O que é que isso tem a ver com o assunto?”. Pode ser que até tenha! Acontece que quando programamos computadores esperamos que o nosso *software* tenha exatamente as mesmas propriedades do Sistema de Justiça: queremos que faça aquilo para que foi desenhado e rápido. Muito rápido!

A maior parte das vezes, isso não é fácil. Quando escrevemos a primeira versão de um programa, as coisas não correm como o previsto. O programa pode estar incompleto, pode ter erros (*bugs*), e pode ser mais lento do que desejamos. O

que é que um programador faz quando isso acontece? Mete mãos à obra. Existe um conjunto de ferramentas ao seu dispor que pode usar. As duas mais importantes, e que nos interessam aqui, são o *debugger* e o *profiler*. Um *debugger* é outro programa de computador que nos ajuda a descobrir erros no nosso próprio programa. Permite-nos ver “à lupa” os detalhes relevantes, até identificarmos a fonte do problema. Uma vez identificado, altera-se o nosso programa e testamos de novo para ver se realmente o defeito foi eliminado. Um *debugger* ajuda-nos a detetar e corrigir erros. A outra ferramenta que referi, o *profiler*, ajuda-nos a descobrir as partes mais lentas do nosso programa. Diz-nos: “60% do tempo de execução está a ser passado na função X. A partir desse momento temos uma oportunidade para acelerar o nosso software. Se conseguirmos alterar a função X para fazer o seu trabalho em metade do tempo (utilizando um algoritmo mais eficiente), acabamos de ter um ganho global de 30%! Se antes demorava 1 segundo a executar, agora só vai demorar 0.7 segundos ($0.4 + 0.6/2 = 0.7$)

É isto que espero que se faça na Justiça.

Outro aspeto importante tem a ver com a própria lei. O objetivo principal das leis é definir o limite entre as coisas permitidas e as coisas proibidas. Ora, como existe uma infinidade de coisas que nos podemos lembrar de fazer, a pergunta coloca-se: como podemos definir essa fronteira? Podemos seguir duas alternativas (ou uma mistura de ambas): especificar aquilo que é permitido ou especificar aquilo que é proibido.

Em qualquer dos casos, deparamo-nos com um problema de granularidade. Se quisermos ser muito exatos a definir as fronteiras, vamos ter de escrever milhares de leis; se quisermos ter uma lei simples vamos ter fronteiras ambíguas.

A vantagem de ter muitas leis é que há menos interpretações subjetivas. A desvantagem é que o sistema fica tão com-

plexo que os cidadãos não conhecem as regras pelas quais se devem reger. Por outro lado, leis simples podem abrir portas a diferentes interpretações por parte dos juízes, mas as decisões podem ser mais rápidas e os cidadãos têm menos para memorizar.

Na minha opinião, as leis portuguesas são demasiado complexas e tentam chegar a um nível de detalhe exagerado. Teríamos vantagens em simplificar a lei e atribuir mais responsabilidade aos juízes, que foram treinados para interpretar a “intenção da lei” e decidir como aplicá-la a casos particulares.

Outra coisa que temos de minimizar é o número de recursos a decisões que se podem fazer. Existe um compromisso entre a celeridade dos processos e os erros que a Justiça comete. Penso que nos processos de menos gravidade a decisão do júri poderia ser a final. Ou seja, vale a pena correr o risco de cometer um pouco mais de erros nesses processos pouco graves, mas ganhar tempo para lidar com os processos realmente importantes onde não queremos falhar.

A minha aposta é que hoje em dia o Sistema de Justiça usa a maior parte dos seus recursos para tratar de coisinhas como, por exemplo, contas de telemóveis não pagas e que os funcionários não podem focar-se nos processos realmente importantes. Também tenho a certeza que há procedimentos muito ineficientes e burocráticos. E, provavelmente, há coisas que nem precisavam de ser analisadas se as leis fossem simplificadas ou se descriminalizassem coisas para as quais há outras soluções.

Como informático tenho a dizer: por favor executem os vossos *debuggers* e *profilers* no Sistema de Justiça. Queremos que ele seja simples, claro, e que funcione.

Bem e rápido!

Vídeo recomendado:

- TED talk de Philip K. Howard chamada “Four ways to fix a broken legal system” - uma exposição sobre os problemas de lentidão e de complexidade do Sistema de Justiça americano. Algumas das ideias propostas podiam aplicar-se a qualquer Sistema de Justiça.

A falácia do desemprego

Estar desocupado pode ser uma experiência horrível. Pode dar à pessoa uma sensação de inutilidade e causar-lhe muita frustração. Pode ser olhada pelo resto da sociedade como alguém que não teve sucesso.

É natural que tenhamos tanto medo do desemprego, afinal quem é que quer passar por isso? Ninguém gosta de ficar sem escolhas e que os outros só sintam pena de si.

Por estas e por outras razões, a sociedade deve organizar-se para diminuir ao máximo os níveis de desemprego. Até aqui, toda a gente está de acordo.

O problema é que andamos a fazer tudo ao contrário!

Antes de começar a propor soluções, quero primeiro dizer que, apesar de o desemprego ser um grave flagelo que atinge a sociedade, há outras coisas que, ainda assim, todos valorizamos mais. Se o objetivo fosse apenas ter desemprego zero, a solução era simples. Basta ter um sistema ditatorial que obrigue toda a gente a fazer agricultura de subsistência ou a varrer ruas. Quem se recusar, tem de fazer trabalhos forçados! E pronto, de um dia para o outro, temos desemprego zero. Mas o que é que isso nos traria? Nada, todos seríamos mais pobres e teríamos perdido algo de ainda mais importante: a liberdade.

Então o que é que é realmente desejável?

O que realmente queremos é uma sociedade livre, progressivamente mais rica e que mantenha o desemprego a níveis muito baixos. Mais: queremos que não sejam sempre as mesmas pessoas que estejam desempregadas. Não queremos o chamado desemprego de longa duração.

Imaginem o seguinte cenário hipotético: a economia é dinâmica, está a crescer e temos uns 4% de desemprego. Entre as pessoas que estão no desemprego existe uma rotatividade relativamente rápida. Estão alguns meses sem trabalho, recebem o subsídio, recebem formações para se adaptarem às novas necessidades e depois arranjam de novo um emprego. Se toda a gente passasse o mesmo tempo no desemprego na sua carreira (o que admito que seja muito irrealista), em média, cada pessoa estaria parada 1 ano em cada 25 anos. E durante esse ano estaria a ser apoiada e a receber formação. Este foi exatamente o objetivo de quem desenhou o sistema atual. Os grandes pensadores das sociais-democracias europeias já tiveram esse sonho em mente. E em grande parte tem funcionado. Há vários países europeus onde é exatamente isso que acontece, não é nenhuma utopia. A Noruega, a Holanda e a Suíça, por exemplo, raramente passaram acima dos 4.5% de desemprego durante a última década.¹²

Se é assim, o que é que andamos a fazer de mal em Portugal para estarmos acima dos 10%?

A minha opinião é a seguinte: para perceber as causas do desemprego temos de nos pôr na pele de um potencial empreendedor. Os empreendedores são as pessoas que criam empresas e, por consequência, criam o seu próprio emprego e empregos para outros.

Quando uma pessoa tem uma ideia de negócio interessante,

¹²Fonte: Google Public Data Explorer, dados atualizados em 2011, fornecidos pelo Eurostat.

questiona-se: “será que devo correr o risco de criar uma empresa, ou será melhor manter (ou procurar) um emprego fixo, por conta de outrem?”. Se essa pessoa escolher a segunda opção, nenhum emprego foi criado. Pior, esta pessoa irá com grande probabilidade fazer um trabalho mais aborrecido, para um patrão aborrecido, que lhe paga um salário, digamos... aborrecido! Pior, talvez até fique a recibos verdes. Mas, pelo menos, não correu grandes riscos e pode continuar a ter uma vida normal. É perfeitamente legítimo e, com um pouco de sorte até se sentirá satisfeito no seu emprego.

Vejamos agora a opção alternativa. Essa pessoa decidiu criar uma empresa. Aqui duas coisas podem acontecer:

1) torna-se uma história de sucesso, criando o seu próprio emprego e talvez até para mais pessoas. Neste cenário o país ficou mais rico, porque alguém está agora a fazer algo de novo, com mais qualidade, ou de modo mais eficiente.

2) A sua pequena empresa não tem sucesso e tem de fechar. Nesse caso, a pessoa pode ter ficado com dívidas por pagar e vai acumular uma nova frustração à situação pessoal, que já antes era difícil.

Vendo isto, a nossa missão como sociedade é clara. Queremos garantir que mais e mais pessoas escolham a hipótese do empreendedorismo, ao mesmo tempo que minimizamos os efeitos dos casos que correm mal. Queremos que muitas pessoas arrisquem, mas que não paguem um preço elevado de mais no caso de correr mal. Queremos até que se sintam motivadas a tentar de novo. Afinal de contas, quando aprendemos a andar, caímos muitas vezes. Parece-me que criar empresas bem sucedidas não é mais fácil do que aprender a andar!

E então como é que podemos fazer isto?

De novo, ponham-se dentro da cabeça do nosso potencial microempresário. Quais são os seus medos? Quais são as suas

motivações? Quais são as dificuldades que mais o assustam?

Se eu quiser criar uma empresa em Portugal hoje em dia, vou pensar: “ótimo, a burocracia já é bastante reduzida. Fez-se um grande trabalho ao abrir balcões de criação de empresas na hora. Isso motiva-me. No entanto, sei que desde o início de atividade vou pagar impostos elevados. Talvez até maiores do que os bancos pagam! Sei que se cometer um erro de recrutamento, não vou poder, facilmente, fazer um despedimento individual. Sei que se os meus primeiros clientes não pagarem, vou ter muitas dificuldades em cobrar as minhas dívidas, porque a Justiça é muito lenta. Sei que vou precisar de um investimento inicial, mas, para isso, vou ter de pagar juros altos aos bancos. Sei que se for à falência vou ter muitas dívidas para pagar. Sei também que vou ter dificuldade em atrair as melhores pessoas porque não tenho muito capital e as outras também têm medo de arriscar.”.

Conclusão: a esmagadora maioria das empresas de sucesso nunca nasceram! Ficaram como sonhos estéreis na cabeça das pessoas, que depois vão carregar a frustração até ao túmulo. Castrou-se a criatividade. Algo que devia ser considerado um crime! Obviamente que nem toda a gente tem perfil ou vontade de criar uma empresa, no entanto, não podemos continuar a desperdiçar o talento daqueles que o poderiam fazer.

O desemprego não é apenas criado pelas empresas que vão fechando e dispensando os trabalhadores. O desemprego é também criado pelas inúmeras pequenas empresas que nunca abriram ou que nunca conseguiram ganhar dimensão. O desemprego é criado pelos sonhos que morreram antes de nascerem. Mas as histórias das empresas que não nasceram não passam na TV. O telejornal não vai abrir com a notícia “mais um jovem com uma boa ideia decidiu aceitar um emprego aborrecido e não arriscar.”.

Amigos: sigam os vossos sonhos, criem o vosso próprio emprego. Sejam o vosso próprio patrão e divirtam-se. É a vossa vida!

Estado: não façam atrito.

Introspeções recomendadas:

- Esqueça todos os seus medos por um instante. Qual seria o seu trabalho de sonho? Qual a empresa que gostaria de criar?
- Quando tiver 80 anos, de que é que pensa que se vai arrepender mais: de ter tentado e ter falhado, ou de nunca ter arriscado?

Leitura recomendada:

- “Hackers & Painters: Big Ideas from the Computer Age”, Paul Graham, 2004 - Um livro sobretudo dirigido para pessoas interessadas em tecnologia, mas que fala de maneira simples sobre os processos de criação de riqueza e de empreendedorismo.

O milagre da transparência

Este capítulo é sobre corrupção. É sobre *lobbies* e grupos de interesse.

Quando há uma boa oportunidade para roubar, sem que haja grande risco de se ser apanhado, uma boa percentagem de pessoas vai fazê-lo. Vão usurpar-se da riqueza dos outros. Mas o meu objetivo não é pregar moralidade.

Não acredito na boa moral, senão a Igreja Católica já teria convencido toda a gente a não “pecar”. Eles próprios não teriam feito a Santa Inquisição, não haveria negócios sujos no Vaticano nem padres pedófilos.

Eu não acredito na moral. Acredito em números. Números, puros, duros e crus. Se tivermos números a corrupção acaba. É o milagre da transparência.

Toda a gente sabe que há pouca transparência no Sistema de Saúde, por exemplo. Alguns médicos recebem presentes, viagens e dinheiro da indústria farmacêutica, em troca de prescrições de medicamentos de marca em vez de genéricos, que são mais baratos e têm o mesmo princípio ativo. Quem paga? O Estado, os utentes. Ou seja, todos nós. Quem ganha? Umas centenas de médicos e gente ligada à indústria farmacêutica. Quem perde? Todos os outros, milhões de pessoas. E também perdem os médicos honestos, cuja classe é denegrida pelos ou-

tros que entram em jogadas pouco claras. Todos sabemos, mas ninguém fala disso, ninguém aponta o dedo. Porquê? Porque não há provas. Não temos números. Onde estão os números detalhados sobre as parcerias público-privadas? Quanto é que o Estado está a pagar por cada consulta ou tratamento?

Todos sabemos que há pouca transparência nas obras públicas. Empresas ganham concursos embora sejam menos qualificadas, isto porque controlam os decisores políticos. As empresas ganham milhões e alguns políticos enchem os bolsos. E depois ainda há deslizes orçamentais durante a execução do projeto. Quem paga? O Estado. Ou seja, todos nós. Quem ganha? Algumas centenas de políticos e de empresários. Quem perde? Os outros milhões todos.

Ao contrário dos princípios de criação de riqueza que vimos num dos primeiros capítulos (em que todos ganhamos), a corrupção é um jogo de soma zero. Ou seja, uns perdem e outros ganham. Pior, acho que até é um jogo de soma negativa, porque se as escolhas não forem tomadas com base no mérito de um produto ou serviço, o sistema torna-se mais pobre do que poderia ter sido. A corrupção é uma catástrofe social.

Queremos números!

Queremos saber as quantidades de cada medicamento receitado por cada médico. Queremos saber o que cada farmácia vende. Queremos ver todos os indicadores técnicos e os orçamentos de cada proposta para uma obra pública. Queremos ter toda essa informação, ao mínimo detalhe, de Norte a Sul do país. Desde os aeroportos até à rua na minha aldeia.

E depois vamo-nos divertir. Eu, e todos os milhares de pessoas deste país que foram treinadas para analisar dados. Falo de matemáticos, estatísticos, informáticos, etc. Deixem isso connosco! Deem-nos números. Não nos deem só médias nem gráficos bonitos. Deem-nos os dados brutos e deixem-

nos fazer a análise. Nós depois vamos reparar que o médico A está a receitar só 10% do genérico X, mas que o médico B tem receitado uns 80% desse mesmo genérico e tudo parece andar bem. Será que aqueles médicos que estão a receitar mais medicamentos genéricos e menos de marca são irresponsáveis e incompetentes? Ou será que, pelo contrário, os outros têm algo a esconder? Eu não sei, não sou médico. Pode haver casos em que o medicamento de marca seja realmente o melhor. Mas tenho interesse em convidar três médicos de cada opinião, sentá-los frente a frente num programa da televisão pública, e quero ouvir. Quero aprender. Talvez haja uma boa explicação para divergências tão grandes de opinião técnica.

Também quero fazer outras perguntas olhando para os dados. Qual é a percentagem de vezes que a construtora A ganhou obras públicas com o partido X? E quantas ganhou com o partido Y? E quais foram as empresas que tiveram maiores deslizes de execução? Será que após esses deslizes pararam de ganhar concursos? Quem é que atribui outra obra a essa empresa construtora? Quantas propriedades é que o autarca K tem em seu nome (ou familiares próximos)? E quantas tinha antes de ser eleito?

A corrupção, como qualquer atividade ilegal, funciona quando tudo está às escuras e ninguém está a olhar. Com as luzes acesas e muitos olhares, ninguém quer roubar.

Temos tido a tendência para achar que isto se resolve com mais leis, mais criminalização, mais fiscalização. O problema é que essa é a receita certa para haver mais corrupção: basta pagar também ao fiscal!

Alguns devem estar a perguntar-se: “e se tivesses números, como podias confiar neles? Podem usar corrupção para te dar os números alterados.”. Talvez. Podem tentar. Mas tenho boas notícias: é difícil falsificar números sem deixar rasto!

Quando temos muitos números, estes vão seguir determinadas distribuições estatísticas. Por exemplo, se medirmos a altura de todas as pessoas num país, sabemos que os dados vão seguir uma distribuição Normal (ou Gaussiana). Se alguém me der as alturas de 10000 pessoas escolhidas ao acaso pelo país, e as medições das suas alturas não seguirem uma distribuição Normal, algo estranho aconteceu! Cada um dos números individuais pode parecer razoável, mas as propriedades estatísticas do conjunto dos dados deixam-nos descobrir anomalias.

No nosso exemplo, se agregar as alturas por sexo e a altura média das mulheres for superior à dos homens, houve marasca! Se a altura média das crianças de 10 anos for superior à altura média dos jovens de 18 anos, houve problemas. Se os dados vindos de um ponto de recolha forem muito diferentes doutro ponto de recolha na mesma cidade, podemos ir investigar (o aparelho de medição de um deles deve estar avariado).

Deem-nos números! Depois deixem os *geeks* analisar. Nós enviamos os gráficos bonitos para os jornalistas!

E quando digo que quero números, digo que quero acesso fácil a todos os dados. Quero um site na Internet onde estejam todos os dados, em simples ficheiros de texto ou bases de dados, onde possa fazer *download*. Com dados de todo o país. Não me venham dizer: “já podes ter os números. Basta ir ao serviço A, da câmara municipal B, pedir ao funcionário C que te mostre o arquivo D, onde na página E, tens o teu número!”.

Isso não é transparência.

Documentário recomendado:

- Freakonomics, 2010 (baseado no livro de Steven Levitt e Stephen Dubner). Uma das seções desta obra fala de

como foi possível detetar casos de corrupção olhando para as estatísticas das competições de sumo no Japão. O sumo é um desporto que representa o valor da pureza e a existência de corrupção foi um choque para a sociedade japonesa.

Ligação recomendada:

- <http://www.despesapublica.com> - um site onde já pode encontrar bastante informação sobre a despesa em obras públicas. Uma excelente iniciativa.

O fim da televisão

A televisão foi uma invenção fantástica. Algo de mágico. Sem sairmos de nossas casas podemos ser transportados para outros lugares, outras épocas históricas. Podemos ver e ouvir pessoas com as quais nunca nos cruzamos. Podemos aprender, rir e chorar. No entanto, a televisão tem um problema fundamental: é unidirecional! É um meio passivo de consumir informação. Só recebemos e não damos nada em troca. Todo o conteúdo é criado por um pequeno conjunto de pessoas e, depois, este é consumido por milhões. Por contraposição, a Internet tem um modelo bidirecional. Todos podem ser criadores e consumidores de conteúdos. Para além disso, cada pessoa escolhe muito ativamente aquilo que lhe interessa mais. Há vários anos que os visionários se aperceberam disto e a televisão já se está a fundir com o computador e a Internet. Começam a surgir no mercado os primeiros híbridos e, dentro de alguns anos, nem sequer nos vamos lembrar que antes eram duas coisas distintas. Mas a mudança mais fundamental não é tecnológica. É o efeito social que isso vai ter. E vai ser fantástico!

Portugal vive numa assustadora uniformização de opiniões. Meia dúzia de canais de televisão têm quase toda a audiência e todos dizem a mesma coisa. Os telejornais de diferentes canais cobrem exatamente os mesmos eventos, e convidam as

mesmas pessoas para dar opiniões. Jornalistas, comentadores e políticos fazem um bailado rotativo entre os diferentes canais. É natural que os tele-espetadores pensem que não existe mais nada para ver! “Tantos canais, tantos programas, de certeza que estamos a ver todas as perspetivas.”.

Mentira.

Quantas são as pessoas que falam na televisão? Vamos fazer estimativas. A página da Wikipedia sobre o agora defunto programa “Contra informação” diz-me que existiam cerca de 170 bonecos. Visto que o objetivo deste programa era retratar os intervenientes mais destacados da sociedade portuguesa, isto pode ser uma primeira boa aproximação. Mas como não gosto que me acusem de manipular números, vou jogar pelo seguro e multiplicar esse número quase 6 vezes. Assim já me sinto mais confiante. Não me devo enganar muito se disser que cerca de 1000 pessoas ocupam quase todo o tempo de antena de todos os canais juntos. Ora, fazendo uma continha básica, ficamos a saber que as pessoas que passam na TV, quase a toda a hora, não são mais do que 0.01% da população portuguesa!

Será que os outros 99.99% não têm nada de inteligente para dizer? Só nas Universidades há centenas de milhares de pessoas. Serão todos estúpidos? Só se fizermos parte de um partido é que podemos ser ouvidos? E os artistas, os empresários, os trabalhadores sociais, os professores, os médicos, os engenheiros, os advogados? Será que não podem ter voz? Será que não podem contribuir? E os agricultores, os pescadores e os operários? Será que o seu papel é só produzir os bens que consumimos a salários baixos, mas não queremos ouvi-los? E os desempregados? Toda a gente fala do nível de desemprego, mas quantos desempregados podem ir contar a sua história à TV? Ah, já me esquecia: a televisão está reservada a 0.01% da população. E curiosamente sempre os mesmos. Durante décadas!

Eu até quero ouvir os drogados! Quem melhor do que um toxicodependente para nos explicar o que é que podíamos ter feito melhor para ele ter seguido outro caminho? E quero ouvir os criminosos. Quero que me contem a sua história na televisão pública. Salvo raras exceções de patologia mental, as pessoas acabam por seguir a via do crime porque as outras alternativas pareciam fora de alcance, por alguma razão. Quero ver alguns prisioneiros na TV a explicar o que a sociedade podia ter feito de melhor para terem tido outra sorte. E quero saber o que podemos ainda fazer para recuperar esses toxicodependentes e esses prisioneiros. E quero ver isso na TV! Isso sim, seria serviço público.

Será que a contribuição para a Democracia dos 99.99% que não passam na TV é só: trabalhar, pagar impostos e pôr uma cruzinha num papel de 4 em 4 anos?

Os 0.01% “televisivos” podem discordar muito entre eles. Podem dizer: “a culpa não é do meu partido, é do teu. O país está muito mal e precisamos de sacrifícios (dos outros 99.99%). Esta guerra política cria uma ilusão de opções. Somos levados a crer que podemos escolher entre uma grande variedade de alternativas. “Afinal não temos 5 partidos diferentes no Parlamento?”. A única coisa que acontece quando há eleições é mais um bailado rotativo entre os mesmos. Uns passaram a ter o poder e outros ficaram na oposição, mas as caras são as mesmas.

A melhor forma de forçar alguém a não escolher a hipótese A é dizer-lhe para escolher entre as hipóteses B, C ou D. Pode usar-se o alfabeto todo até, desde que se esconda a letra A.

Nunca vamos verdadeiramente ter escolha se não diversificarmos as fontes de informação. Queremos mais opiniões e as perspectivas. Muitíssimas mais!

Amigos, o melhor botão da televisão atual é o que diz

“OFF”. Desliguem a TV e vão para o café falar com os amigos. Utilizem a Internet e as redes sociais. Leiam blogues de outros cidadãos. Muitos deles são grande especialistas em áreas do saber, mas nunca tiveram tempo de antena. Criem mais blogues!

Tornem-se fontes de conteúdo!

Leitura recomendada:

- “The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains”, Nicholas Carr, 2010. O autor fala-nos do impacto que a tecnologia tem na maneira como nos comportamos. A influência pode ser tão profunda, ao ponto de os nossos cérebros começarem a funcionar de outro modo. N.C. dá o exemplo da Internet e dos telemóveis, que nos habituaram a trabalhar em modo “multi-tarefa” em vez do habitual pensamento mais “linear”. O livro apresenta os lados positivos e negativos destes fenómenos.

Ligações recomendadas

- <http://www.ted.com> (TED talks) - conjunto de vídeos da conferência que atrai os maiores pensadores e “fazedores” da atualidade. Tem por objetivo espalhar ideias que contribuam para um mundo melhor. É uma fonte indispensável de conteúdos.
- <http://longnow.org> - a Fundação “The Long Now” convida grandes pensadores da atualidade para debater assuntos com impacto a longo prazo.
- Agregadores de notícias: reddit, slashdot, HackerNews, Google News, Google Reader, etc.

O fim dos bancos

Como vimos num dos capítulos iniciais, o dinheiro foi uma invenção fantástica. Permite-nos trocar riqueza sem ter de pagar em “géneros”. Isso facilita muito o comércio e, por consequência, estimula o setor produtivo. Todos ficamos mais ricos. É ótimo! É natural que havendo uma forma de representação de riqueza universalmente aceite - o dinheiro -, as pessoas queiram tê-lo num lugar seguro: o banco. Mas a verdadeira contribuição dos bancos não é guardar o nosso dinheiro. O serviço mais importante que um banco presta à sociedade é outro: o crédito. O crédito foi outra invenção fantástica. A partir do momento em que uma pessoa pode pedir dinheiro emprestado, esta pode começar a fazer coisas que sem isso seriam impossíveis. Sonhos podem tornar-se realidade. Pode ser-se empreendedor. Se os bancos emprestarem algum dinheiro a pessoas com poucos recursos, estas podem criar o seu próprio negócio, criar riqueza e pagar mais tarde. Uma excelente invenção. Pura e simplesmente: resulta.

No entanto, quando se empresta dinheiro a alguém, existe o risco de as coisas correrem mal e a pessoa não conseguir pagar. A solução foram os bancos. Estes funcionam como um serviço em que muitas pessoas depositam dinheiro, às quais se pagam juros baixos, e emprestam dinheiro a outras pessoas, às quais cobram juros elevados. É uma ideia de negócio brilhante

e perfeitamente legítima. O serviço que os bancos prestam às sociedades é muito útil. Diluem o risco entre muita gente e em média as pessoas podem ter mais iniciativa e a sociedade fica mais rica.

Se tudo é tão fantástico, porque é que este capítulo se refere ao fim dos bancos? Exagerei no título! Na realidade só quero falar do fim dos bancos atuais, tal como os conhecemos. O meu objetivo é falar na nova geração de bancos que já está a aparecer. A revolução do sistema bancário já começou.

Há dois problemas fundamentais nos bancos tradicionais, e é por aí que eles vão morrer:

- são uma estrutura pesada e ineficiente;
- são pouco transparentes.

E pode fazer-se melhor? Sim, alguns já fizeram e já estão a movimentar milhões.

O conceito chama-se “peer-to-peer banking”. São empréstimos de pessoas para pessoas. Lembrem-se que o papel original dos bancos é distribuir o risco dos maus pagadores. Há séculos atrás, a única maneira de o fazer foi criar uma grande organização (banco), abrir escritórios em todo o lado e começar a gerir depósitos e empréstimos. Hoje é diferente, existe uma coisa chamada “Internet”. Os bancos do futuro são leves e eficientes. Não precisam de um balcão em cada terriola, cada um com vários funcionários. Um banco tradicional tem milhares de empregados e centenas de edifícios pelo país fora. Quem paga tudo isto? Os seus clientes. As pessoas que depositam recebem juros baixos, e os que pedem empréstimos pagam juros altíssimos. Claro, há um monstro pesado para alimentar. Os bancos do futuro são feitos por meia dúzia de pessoas vestidas de jeans e t-shirt num pequeno escritório. Ah, e alguns computadores!

Como funciona? É simples. Se tiver dinheiro para pôr neste banco, o que tem de fazer é escolher o montante e dizer como quer distribuí-lo pelas pessoas que estão a pedir empréstimos nessa mesma plataforma. Se tiver 500 Euros, pode emprestar 50 Euros a 10 pessoas à sua escolha, ter uma ideia do seu destino e olhar para indicadores do risco que corre. E qual é a vantagem? Os depositários recebem juros mais elevados, quem pede empréstimos paga juros mais baixos e o risco está tão bem diluído como num banco tradicional. Como é possível? Lembrem-se que o banco do futuro só tem de pagar umas dezenas de salários a funcionários e não alguns milhares, como um banco tradicional.¹³

Este processo também aumenta a transparência, porque os depositários têm uma ideia do destino do seu dinheiro. Assim, há menos risco que este seja investido em algum mecanismo especulativo por algum gestor de fundos que não conhecemos.

O mesmo modelo está a ser aplicado ao microcrédito, por instituições sem fins-lucrativos como o Kiva. Aqui, empresta-se dinheiro para micro-negócios familiares em países em desenvolvimento. No Kiva, no entanto, os depositários não recebem juros, porque o objetivo é promover o desenvolvimento e combater a pobreza a nível mundial¹⁴. É um modelo fantástico, pois em vez de doar dinheiro a uma ONG, e ficar sem saber o que lhe acontece pelo caminho, agora sabe que emprestou 25 dólares a uma agricultora no Peru, da qual sabe o nome e conhece o projeto. Mais, segundo as estatísticas atuais, com

¹³Na realidade, a redução estrutural não pode ser tão grande, porque é preciso alguém que faça as análises de risco e as cobranças de pagamentos em caso de problemas. Normalmente, estes bancos fazem parcerias com outras empresas especialistas nessas áreas.

¹⁴Embora o modelo seja bastante descentralizado, continua a ser necessário fazer parcerias com organizações de micro-crédito em cada país onde o Kiva intervém. Estes parceiros locais têm de cobrar alguns juros para garantir o seu funcionamento.

mais de 98% de probabilidade ela vai-lhe devolver todo o dinheiro ao longo dos próximos meses.¹⁵ Entretanto, pode ir emprestando a outros o que já recebeu.

Bem-vindos ao mundo dos bancos “das pessoas para as pessoas”! Todos ficam a ganhar, exceto alguns gatos gordos.

Ligações recomendadas

- <http://www.kiva.org> - organização sem fins lucrativos que utiliza empréstimos de pessoa a pessoa para promover o desenvolvimento e lutar contra a pobreza.
- <http://www.zopa.co.uk> - banco com fins lucrativos, que utiliza também o modelo de empréstimos de pessoa a pessoa. Em Abril de 2011, o *staff* deste banco é um total de 23 pessoas num escritório em Londres. Fundada em Inglaterra em 2005, já se expandiu também para Itália.

¹⁵Fonte: Kiva, dados de Abril de 2011

O fim da geoestratégia militar

Mais um capítulo otimista. Por esta altura já devo ter sido classificado de utópico e de ingénuo, por isso posso correr o risco de fazer mais uma previsão arriscada:

Cada vez haverá menos guerras para dominar recursos naturais em países pobres.

Os belicistas terão cada vez menos importância e vamos, progressivamente, parar de jogar xadrez no tabuleiro do planeta. Assistiremos ao fim da geoestratégia militar. Acho que vai acontecer ainda no século XXI.

Lindo! ☺

“Mas como é que alguém pode afirmar isso, se quase todas as guerras dos últimos 60 anos foram feitas por causa do petróleo? Quantos ditadores já foram apoiados pelas grandes potências, só para irem lá roubar petróleo e outros recursos naturais?”. Muitos. E num país cuja história é tão marcada pelas descobertas e ex-colónias, carregamos o peso na consciência do mal que os nossos antepassados também fizeram. O Português é até a única língua que eu conheço que usa o verbo “explorar” para duas coisas completamente diferentes. O primeiro sentido é o de “descobrir”. Trata-se de “explorar”

«caminhos nunca dantes navegados». Uma coisa excelente. O segundo sentido é o de “roubar”. Trata-se de “explorar” pessoas ou recursos naturais, com objetivos egoístas. Em Inglês existem dois verbos distintos para estes conceitos: “to exploit” e “to explore”. Em Francês diz-se “exploiter” e “explorer”. Até os nossos irmãos espanhóis dizem “explotar” e “explorar”. Não sei o que é que os linguistas dizem sobre o assunto, talvez seja só uma triste coincidência. Espero que não tenhamos “explorado” novos caminhos só para ir “explorar” pessoas.

Mas isto foi só um aparte. Portugal tem seguido vias pacíficas e de cooperação desde a Revolução de Abril. No entanto, outras potências mundiais ainda gostam de “explorar”, no mau sentido. Por causa da ganância de alguns e da estupidez de bastantes, muitíssimos morreram e outros ficaram mais pobres. Muitas guerras foram até feitas em nome da liberdade, só para mais tarde se descobrir que afinal foi por causa de um poço de petróleo ou de um gasoduto. É o legado que temos. Sabemos que os seres humanos são capazes do melhor e do pior. E com mais tecnologia, as coisas melhores tornam-se muito melhores (da roda até à Internet), e as coisas piores tornam-se muito piores (da espada até à bomba atômica). É interessante perguntarmos: que lado vai ganhar? Vamos criar um mundo sustentável, pacífico e maravilhoso, para todos, ou vamos poluir, matar e finalmente autodestruir-nos? Eu aposto na hipótese otimista. E quem viver nos meados e finais do século XXI, vai estar cá para ver e desfrutar!

Os meus amigos dizem-me que faço esta aposta porque se perder ninguém vai estar cá para me cobrar a dívida!

Mas mesmo que pudessem cobrar, ainda apostava na primeira opção. Porquê? Porque, correndo o risco de me tornar repetitivo: todos podemos ganhar! E na segunda hipótese todos perdem. Nem os egoístas nem os gananciosos, independentemente do seu poder, têm interesse em destruir o planeta.

Se o fizerem têm o mesmo destino que todos os outros.

A maioria das grandes fortunas até meados do século XX foram feitas de modo não sustentável - destruição de recursos naturais, consumo acelerado de energias não renováveis, exploração de trabalhadores, etc. A lista é deprimente de mais para continuar a dar exemplos.

No entanto, como vimos no início deste livro, a economia não é um jogo de soma zero. Não é preciso destruir para criar e ficar mais rico. Por essa razão, existem já muitos bilionários que enriqueceram da forma certa. São fortunas que se fizeram tendo ideias criativas sobre como resolver os problemas das pessoas. Produtos e serviços que melhoram as nossas vidas, e pelos quais estamos dispostos a pagar. Quando o IKEA pensou em processos eficientes para produzir mobília funcional, com *design* e acessível a todos, a sociedade ficou a ganhar. Naturalmente que o IKEA não é uma empresa perfeita. Embora a sua contribuição seja extremamente positiva, de certeza que cometeu erros ao longo do percurso e teve alguns impactos negativos para as pessoas e o ambiente. Tal como as pessoas, nenhuma organização é perfeita. No entanto, acredito que o saldo seja muito positivo e que o próximo IKEA seja ainda mais eficiente, criativo e sustentável. Na área da informática também há inúmeros exemplos: Microsoft, Google, Apple, só para referir os maiores. Estas empresas criaram *software* incrivelmente útil para milhões de pessoas. O mundo ficou imensamente mais rico com a revolução informática. De novo, estas grandes empresas também têm lados negros e são até odiadas por muitos. São culpadas por matar alguma inovação quando compram pequenas *startups* para as fecharem mais tarde. Por vezes são também culpadas de defender demasiado os seus próprios formatos e *software* proprietários. Por vezes contribuem pouco, ou até lutam contra, o software livre e os standards abertos. No entanto, acredito que ao longo dos anos o egoísmo das no-

vas empresas de software tem vindo a diminuir. A Google é famosa por defender o *motto* “Don’t be evil”, ou seja: “não sejas mau”. Mesmo que muitos chamem à atenção que isso nem sempre acontece, eu acho que a Google respeita muito mais o mundo do que as empresas anteriores. Tem mais preocupações com isso. E as que hão-de vir ainda vão ser mais abertas e vão fazer ainda melhor. Se é assim tão cético quanto à evolução positiva das coisas, diga-me uma coisa: se lhe dessem a escolher, preferia ser um escravo para um Faraó no antigo Egito ou um empregado na Google?

“Ok, tudo bem. Já percebi o teu ponto. E o que é que isso tem a ver com a geoestratégia militar?”

É simples. Fazer guerras para explorar os recursos finitos de um país é algo de não sustentável. Por definição um dia os recursos esgotam-se, ou as pessoas revoltam-se. E quanto mais próximos estamos do final de um recurso finito, mais caro e menos rentável se torna tentar explorá-lo! Cada vez é mais difícil encontrar reservas de petróleo e cada vez tem de se furar mais fundo. Cada vez as energias alternativas são mais baratas. Cada vez é mais difícil manter ditadores corruptos no poder (pensem nas recentes revoltas no mundo Árabe). Cada vez é mais difícil roubar! É preciso construir armas, mandar pessoas para guerras, ter fazedores de opinião pública na TV e nos Jornais, é preciso lidar com os grupos de defesa do ambiente e dos direitos humanos e é preciso competir com as outras potências que também querem roubar. Tudo isto para quê, para uma família fazer fortuna? Mas se os mais ricos do mundo já não precisaram de guerras para chegar lá, porque é que no futuro vão precisar?

Um dia isto vai acabar e se pensam que é uma utopia: enganam-se. Já está a acontecer!

O fim do exército

A Costa Rica não tem exército.

Isso mesmo, é um país soberano e não tem exército. Desde 1948. Portugal devia fazer o mesmo.

Algumas mentalidades retrógradas têm medo dos espanhóis. Se calhar até têm medo dos americanos ou da China! Dizem: “precisamos de um exército para defender as fronteiras nacionais!”. E eu pergunto: Quais fronteiras? Defender o quê?

Alguém acredita que a Espanha, os EUA, a China, ou quem quer que seja, não invadem Portugal porque têm medo do nosso poderio militar?

E invadir para quê? Nem sequer temos petróleo. Não temos nada que possam vir cá roubar e tudo o que lhes interessa já o podem obter através de meios pacíficos. Podem fazê-lo através do comércio e de investimentos no território nacional, o que é bom para todos.

No entanto, o Estado Português gasta cerca de 2.3% do Produto Interno Bruto nacional em fins militares.¹⁶ Para quê? Não seria melhor utilizar esses recursos para fins sociais, para investir na educação, para promover a inovação e o empreendedorismo? Eu acho que sim.

Para os que continuam com o medo irracional de serem

¹⁶Fonte: CIA World Factbook, estimativa de 2005.

invadidos, pensem no seguinte: já vimos que nunca teremos meios para prevenir uma invasão pela força, pois há potências dezenas ou centenas de vezes maiores. A única coisa que se poderia fazer no caso de uma invasão do exterior (ridiculamente improvável) seria alguma resistência enquanto estivéssemos ocupados. É isso que é difícil de aguentar, mesmo para os mais fortes. Os EUA invadiram o Iraque em poucos dias ou semanas mas, passados vários anos, ainda lá estão e com custos enormes em termos financeiros e de vidas humanas. É isso que é caro para os invasores: ficarem lá a manter a ordem!

O que Portugal precisaria, no caso de alguém ter medo de alguma coisa, não seria de um exército tradicional inútil. O que precisaria era de dar formação à população de como reagir em caso de ocupação. Como assegurar a segurança de cada um, como comunicar com os outros, como comunicar com o exterior, como pedir ajuda à comunidade internacional, etc. E para os que gostam de alguma violência na autodefesa: o que precisaríamos de fazer seriam pequenas emboscadas, que desmotivassem a potência ocupadora. Mas nunca precisaríamos de tanques, caças supersônicos e submarinos! Parem de brincar aos soldadinhos e resolvam os reais do problemas do país.

“Espera lá!”, dizem alguns: “mas os submarinos não são úteis para combater o tráfico de droga?”.

Eu respondo: talvez, mas também podemos matar moscas com canhões, se calhar também é boa ideia!

Se houver algum perito na problemática da toxicod dependência que me diga que precisamos de mais submarinos, então comprem mais submarinos. Mas por enquanto, os especialistas que ouço falam-me mais de combate à pobreza e exclusão social. Falam de educação e de prevenção. Falam de descriminalização. Falam de criar novas oportunidades para as pessoas

que já sofrem tanto. Falam de autoestima, de motivação, de tolerância e de reinserção.

Mas de submarinos?!

E as missões internacionais? Aí, temos duas opções:

1. Mantemos só essa componente militar (o que devia reduzir as despesas em pelo menos uma ordem de magnitude.)
2. Acabamos também com isso, e só damos contributos diplomáticos. Normalmente a manutenção de paz faz-se até mais com polícia do que com exército (exemplos da GNR em Timor e da PSP no Kosovo).

Sinceramente, estou de boa consciência com qualquer uma destas opções. Todas as outras atividades que estão sob a tutela do Ministério da Defesa e que estão mais relacionadas com a vigilância marítima e ou defesa do ambiente devem ser geridas pelos ministérios a que dizem respeito. Mas não vamos comprar submarinos com a desculpa de vigiar uma região marítima, quando a vigilância pode ser feita com pequenas lanchas, avionetas ou imagens de satélite.

Sigamos o exemplo da Costa Rica. Não são só os países mais ricos e poderosos que têm lições de sucesso para nos ensinar.

Slogan recomendado:

- *Make love, not war*

Idades de reforma e natalidade

Se há uma coisa em que os 0.01% de “esclarecidos” que passam na TV parecem estar de acordo é: precisamos de aumentar a taxa de natalidade em Portugal. Dizem: “a população está muito envelhecida, já nem temos jovens suficientes para trabalhar e manter as reformas dos mais velhos. É uma catástrofe! Por favor sigam o conselho da Igreja Católica e deixem os preservativos na farmácia!”.

E eu pergunto-me? “Ouvi bem?”. Será que vivemos no mesmo mundo?

“População envelhecida”, é uma maneira pessimista de dizer o seguinte: “tivemos um tão grande e estrondoso sucesso a garantir a segurança e a saúde da nossa população, que a esperança média de vida aumentou!”.

A população com mais idade é até muito útil. Muitas destas pessoas podem tornar-se empreendedoras correndo menos riscos, podem fazer voluntariado e podem ajudar na educação das novas gerações. São também o registo vivo dos eventos raros. São elas que nos vão avisar quando estivermos prestes a cometer um erro grave, que elas já presenciaram mesmo antes de termos nascido.

“Hmmm... ok... Mas... e as reformas?!”

Muito bem, falemos sobre reformas e pensões.

Como é que se pode ter um sistema de segurança social sustentável? A propriedade desejada é a seguinte: tem de entrar no sistema tanto ou mais dinheiro do que sai. Existem várias maneiras de aumentar ou diminuir esses fluxos:

1. aumentar o número das pessoas que estão a contribuir;
2. diminuir o número das pessoas que estão a receber;
3. aumentar a contribuição dos que trabalham;
4. diminuir as pensões dos reformados.

O nosso objetivo é escolher medidas que sejam sustentáveis e que não sejam apenas remendos para criar problemas, mais tarde, na segurança social ou noutros sítios. Curiosamente, o aumento da natalidade é uma das poucas soluções que é um remendo. E muito mau. Porquê? Porque se a esperança de vida tem aumentado, e vai continuar a aumentar, as pessoas com mais de 65 anos serão cada vez mais e para compensar isso temos de aumentar a população. Esses inúmeros jovens serão os velhos do futuro, para os quais serão precisos ainda mais jovens para pagar as suas reformas. É a solução de crescer *ad infinitum*!

A maneira honesta de resolver o problema das reformas sem utilizar remendos é a seguinte: deixem as pessoas escolher o melhor para cada uma delas. Pode optar por:

1. pagar mais enquanto jovem;
2. receber menos enquanto reformado;
3. reformar-se mais tarde.

E mais, pode escolher 20% da opção 1), 40% da opção 2) e 40% da opção 3). É à medida do freguês. Mais, se mudar de ideias, daqui a 5 anos pode alterar o seu plano e customizá-lo de maneira diferente.

Outra hipótese, utilizada já em alguns países, é a de o Estado garantir apenas uma “reforma mínima”, igual para todos. Quem estiver interessado em receber mais durante a velhice, optará voluntariamente por descontar mais para um fundo de pensões separado.

Este é um problema com soluções simples e não devia ser usado para justificar medidas com efeitos secundários muito maiores.

Pagar o custo real

A coisa mais importante que temos de fazer para corrigir os problemas do Capitalismo atual é:

Temos de pagar o custo real por cada bem ou serviço que consumimos.

Por vezes, o produto A é mais barato que o produto B, porque o produto A foi feito de maneira não sustentável. Se calhar a fábrica do produto A está a poluir uma ribeira, ou a usar trabalho infantil, ou os seus produtos vão acabar no lixo sem tratamento.

Para se tornar num processo sustentável, a fábrica do produto A teria de despoluir a ribeira, recuperar as crianças que utilizou dando-lhes acesso à educação e apoio psicológico e teria de reciclar os materiais dos produtos e das embalagens que vendeu.

Tudo isto são custos que não foram incluídos no preço. Mas deveriam ter sido. E se tivessem sido incluídos no preço do produto A, talvez agora o produto B fosse mais barato. Talvez o produto B seja feito numa fábrica com adultos qualificados, que trate os seus esgotos e faça produtos e embalagens mais fáceis de reutilizar ou de reciclar.

Em teoria isso parece tudo muito lógico, mas como é que os consumidores podem saber o que estão a comprar? Pois, é

difícil, por isso é que chegamos a este ponto!

Mas tenho boas notícias.

As coisas estão a mudar e, mais uma vez, a solução vem das ideias criativas aliadas às novas tecnologias.

Um das jovens empresas na Alemanha e nos EUA começaram a perguntar-se: “e se aumentássemos a transparência nas decisões de consumo?”. Para isso, reuniram estatísticas sobre muitas empresas e os produtos que estas vendem. Definiram indicadores como: efeitos para a saúde do consumidor, responsabilidade social da empresa e impacto ambiental. Mas ainda faltava uma peça do *puzzle*: como fazer chegar essa informação até às pessoas, no momento da decisão? Uma hipótese seria convencer os governos a alterarem legislações e forçar as lojas e os supermercados a exporem os indicadores (como é hoje feito para a eficiência energética dos eletrodomésticos, por exemplo). O problema é que esse processo pode ser lento. Pode demorar anos a ser implementado e, para além disso, a decisão política não está ao alcance destas pequenas empresas inovadoras. Então, o que decidiram fazer?

Usaram a tecnologia. Hoje em dia, em alguns países, se tiver um telemóvel com câmara fotográfica e ligação à Internet, pode instalar uma aplicação revolucionária. Com o seu telemóvel, pode ler o código de barras de qualquer produto e receber uma lista de vários indicadores que podem influenciar a sua decisão de compra. Terá os tais indicadores ambientais, sociais e de saúde, e ainda informação sobre os preços do mesmo produto em diferentes lojas (se tiver um GPS, poderá até ter informação localizada).

Agora está nas mãos do consumidor! Pode decidir incentivar o trabalho infantil, a destruição do planeta e fazer mal à sua saúde, ou pode escolher pagar um bocadinho mais e não fazer mal a ninguém.

A escolha é sua!

Ligações recomendadas

- <http://www.barcoo.com> - jovem empresa alemã que desenvolve *software* que deteta o código de barras dos produtos. Pode instalá-lo em várias marcas de telemóveis diferentes.¹⁷
- <http://www.goodguide.com> - empresa norte-americana fundada por um professor da Universidade de Berkeley. No seu *website* podemos consultar os indicadores sobre cerca de 100 mil produtos diferentes. Também têm uma aplicação para telemóveis com leitura de códigos de barras.

¹⁷Sinto especial orgulho por esta empresa, pois foi fundada por um amigo meu!

Reciclar, reutilizar, reduzir

Quando o *motto* “Reduzir, reutilizar, reciclar” foi inventado, foi feito exatamente por essa ordem, e não pela ordem inversa que utilizei no título deste capítulo. Há uma razão para essa ordem: é a sequência com que devemos tomar decisões de consumo.

Infelizmente, a única coisa que fazemos para nos considerarmos “ecológicos” é aquilo que só devia ser feito em último recurso: reciclar. Claro que reciclar é muito melhor do que não reciclar, mas vamos lembrar-nos das motivações iniciais para o *motto*:

1. Reduzir: se puder evitar consumir, evite. A melhor maneira de não produzir lixo é nem sequer levar o produto para casa. De certeza que precisa disso? Se sim, não haverá um produto alternativo com menos embalagem?
2. Reutilizar: se teve mesmo de comprar esse produto e este vem num recipiente ou embalagem, será que pode usá-los mais tarde? Trata-se, por exemplo, de comprar bebidas em garrafas de vidro que possam ser devolvidas à fábrica, onde sejam lavadas e enchidas de novo. Por alguma razão, isto tornou-se cada vez mais raro. Os produtores parecem ter optado por recipientes não reutilizáveis.

3. Reciclar: se já tentou as primeiras duas opções, mas teve de comprar um produto que tem uma embalagem não reutilizável, então envie-a para reciclagem. O processo de reciclagem pode consumir bastante energia e não ser muito eficiente, mas pelo menos é melhor do que deixar o lixo não tratado, ou incinerar tudo.

Esta distorção da mensagem ambientalista revela-se ainda em outros comportamentos.

Como sabem, fez-se um grande trabalho em sensibilizar as crianças para as preocupações ecológicas. Ensinámos que devem fechar a torneira quando lavam os dentes, que devem desligar a televisão e não apenas deixá-la em modo *standby*. Essas são as pequenas coisas que as crianças podem começar a fazer. Não há muitas outras coisas sobre as quais possam decidir, por isso, é uma ótima mensagem que devemos transmitir às crianças.

O problema é quando nos tornamos adultos e dizemos que somos *ecológicos* porque fechamos a torneira quando lavamos os dentes, ou desligamos a TV. Isso são ninharias! O real impacto de um adulto deve ser medido fazendo perguntas como: qual o tamanho da casa em que vive? Quanta energia gasta em aquecimento? Como se desloca? Anda em transportes públicos ou tem um grande carro privado só para si? Viaja muito de avião? Quantas coisas compra e acumula que não lhe fazem falta?

Não tenho nenhuma solução milagrosa para este problema, mas acho importante que as pessoas avaliem mais quantitativamente a sua pegada ambiental. E, depois, cortem nas coisas que têm mais impacto e não apenas nas mais fáceis.

Outra falácia em que muitos caem é dizerem que são mais ecológicos porque vivem no campo e não na cidade. Não podiam estar mais errados! Se fizermos a média por pessoa, as

idades são muito mais eficientes do que as zonas rurais. Se viver numa cidade, o chão de sua casa é o teto de outra pessoa. O saneamento que vem até ao seu prédio recolhe os esgotos de dezenas de pessoas. Quando vai às compras, ou ao cinema, não tem de se deslocar muito. Se viver no centro da cidade pode fazer quase tudo a pé, ou utilizar uma rede de transportes públicos - partilhados por milhares de pessoas.

Por oposição, se viver numa zona rural vai construir uma casa muito maior do que precisa; vai gastar mais para aquecê-la; o município terá de instalar centenas de metros de saneamento só para si. Terão de levar cabos elétricos só para si. Terá de ter um meio de transporte individual para se deslocar. Ah, e acabou de destruir a paisagem do campo que tanto gostava! Terão de se construir escolas para uma pequena quantidade de alunos e centros de apoio social para poucos idosos. Da próxima vez que se tiver de construir uma via rodoviária ou ferroviária também tudo vai ser mais difícil, afinal o território está cheio de casinhas espalhadas por todo o lado. Quando houver incêndios florestais vamos ter a impressão de que a floresta está muito próxima das casas. Mas será que não foram as casas que se foram meter no meio da floresta?

Da próxima vez que seguir um comportamento “ecológico” pense duas vezes se é mesmo isso que está a fazer.

Leitura recomendada:

- “Confessions of an Eco-Sinner: Tracking Down the Sources of My Stuff”, Fred Pearce, 2009. O autor descreve as investigações que o autor fez para descobrir as origens dos produtos que consumia e avaliar os seus impactos.
- “Whole Earth Discipline: An Ecopragmatist Manifesto”, Stewart Brand, 2009 - S.B. defende uma visão mais ci-

entífica e pragmática do ambientalista e recomenda algumas políticas que podem parecer contra-intuitivas.

Documentário recomendado:

- “Waste Land”, Lucy Walker, 2010. É um dos documentários mais lindos e comoventes que já vi. Conta a história do artista brasileiro Vik Muniz e o seu projeto de intervenção na maior lixeira do mundo - o Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. É uma perspectiva pessoal sobre os “catadores de lixo” e as suas trajetórias de vida. ¹⁸

Atividade recomendada:

- Procure na Internet um dos vários sites para medir a sua pegada ambiental (em inglês a frase “ecological footprint quiz” dá vários resultados na primeira página de vários motores de busca.)

Ligação recomendada:

- <http://www.storyofstuff.com> - um site com vários vídeos engraçados sobre a origem dos produtos que consumimos e as consequências para a sociedade e para o ambiente.

¹⁸Se tiver a oportunidade, não morra sem ver este filme!

A importância do sentido de humor

Os nossos políticos são muito sérios.

Mas no mau sentido! Não me lembro da última vez que vi um político sorrir. E muito menos de fazer uma piada que me faça rir. São todos muito sérios. Sérios de mais. Fazem discursos pessimistas, falam de responsabilidade, de sacrifícios e de futuros incertos. Insultam-se uns aos outros, com discursos memorizados, e falam de moralidade. Tudo isto sem nunca mostrarem os dentes. É obra! Preferia que fossem sérios no trabalho que fazem. Que houvesse menos corrupção, menos regalias acumuladas, menos compadrios e favoritismos. Preferia que fossem pragmáticos. Que olhassem para a realidade, a aceitassem, e resolvessem os problemas de modo mais científico e com menos ideologia dogmática e clubismos partidários. Aí é que podiam ser sérios. E justiça seja feita, alguns até o são. Tivemos bons autarcas, bons deputados, bons ministros e bons presidentes. Mas uma grande percentagem prefere só ser “sério” naquilo em que era melhor não o ser. Podiam sorrir, podiam brincar e até podiam rir-se de si próprios. É muito saudável rirmo-nos de nós próprios. Podiam admitir erros. Podiam dizer “não sei”. Podiam usar menos gravatas. Podiam falar de sonhos. Podiam falar de coisas boas. Podiam celebrar

conosco os progressos que fizemos. É muito importante celebrar os sucessos. Tanto ou mais do que identificar problemas. Podiam trazer sorrisos às pessoas. Afinal, é para isso que lá estão. Escolham a seriedade que importa!

Também nunca vi nenhum político pedir desculpa. Raramente mudam de ideias. Podiam dizer: “Desculpem. Na altura pensei sinceramente que esta era a melhor medida para o país, mas enganei-me. Mudei de opinião. Desculpem!”. Afinal, errar não é humano? Eu acho que sim. Prefiro que cometam erros e mudem de ideias, do que digam que são muito sérios e que têm sempre razão. Por falar nisso, também podem ter dúvidas!

Ninguém compreende a realidade toda. Ninguém tem todas as respostas. Questionem-se! Tenham dúvidas! Eu prefiro votar em alguém que me diga: “sinceramente, não sei. Vou pensar no problema, informar-me, pedir ajuda a quem sabe mais do que eu.”.

Políticos deste país: tenham dúvidas! E sorriam!

Opção recomendada:

- Em frente a uma televisão: se puder escolher entre ver um telejornal ou um programa de humor, escolha o que o fizer rir mais. Se puder, desligue mesmo a televisão e vá rir-se numa peça de teatro ou num espetáculo de improvisação perto de si!

A importância da determinação

Há algum tempo atrás vi na televisão a história de um senhor norte-americano, chamado Dick Hoyt, que me deixou como-vivo. Este senhor teve um filho com uma doença grave que o tornou paraplégico. O seu filho não pode andar e tem mesmo dificuldade em comunicar. Tudo indicava que este jovem nunca iria ter uma boa experiência de vida. Estaria condenado a viver frustrado e com grande dificuldade de interagir com o mundo.

O seu pai não encontrou nenhuma cura para a sua doença, e o jovem continuou com as mesmas limitações. No entanto, este pai prometeu a si próprio que ia fazer tudo o que estava ao seu alcance para que o seu filho tivesse uma experiência de vida fantástica. Para que tivesse a oportunidade de ser feliz. Como o problema maior do seu filho era a falta de mobilidade, o pai teve a ideia de o ajudar a mexer. E mexer-se muito! O pai decidiu que ia começar a fazer corridas, empurrando o seu filho numa espécie de cadeira de rodas. Este pai não era um atleta. E não era uma pessoa nova. Apenas uma pessoa com uma quantidade infinita de uma qualidade muito importante: a determinação.

Começou a correr pequenas corridas. Depois correu ma-

ratonas. Sempre transportando o seu filho. Acabaram maratonas mais rápido do que a esmagadora maioria de nós faria. Um senhor de meia idade, empurrando uma cadeira de rodas!

Depois começou a nadar.

Para isso, teve primeiro de aprender. No início mexia-se lentamente e cansava-se rápido. Depois praticou mais. Mais e mais. E depois nadou com o seu filho preso a uma boia. Depois fez o mesmo com corridas de bicicleta, e chegou a combinar as três modalidades numa prova de triatlo.

Quando vi isto, chorei. Se um homem na casa dos 50 anos pode fazer triatlo transportando um filho paraplégico, tudo é possível.¹⁹

A segunda história de determinação vem de outro norte-americano, chamado Greg Mortenson. Os EUA são aquele país capaz do melhor e do pior. Têm políticas internacionais desastrosas, mas também cultivam alguns dos valores mais nobres da humanidade. Acreditam que tendo um sonho e lutando por ele podem mudar o mundo!

Foi isso que Greg Mortenson fez. Este segundo exemplo de determinação sem limites decidiu construir escolas em áreas isoladas do Paquistão e do Afeganistão. Nem mais. Tudo começou enquanto escalava uma das montanhas mais difíceis do mundo, o K2, no Paquistão. O percurso correu mal e, depois de uma noite sozinho no ar gelado da montanha, acabou por ser encontrado e salvo por um dos guias locais. A sua história começa aí. Foi acolhido numa pequena aldeia onde conviveu mais de perto com os habitantes locais. Apercebeu-se da sua pureza e simplicidade, mas também viu todo o sofrimento devido à falta de acesso a tratamentos de saúde e às

¹⁹As primeiras corridas começaram quando o pai tinha 37 anos, mas em 2010, já na casa dos 70 anos, ainda faz estas provas com o seu filho. Em Julho de 2010 tinham já completado um total de 1032 eventos.

condições hostis de vida. Mas o que mais o chocou, foram as crianças. Apesar de não terem uma escola, estas juntavam-se para aprender escrevendo coisas com paus na terra de chão batido. Isto, no frio das montanhas! Comovido, Greg Mortenson fez uma promessa: iria construir uma escola para as crianças daquela aldeia. Mas como? Ele não tinha dinheiro nenhum. Era um simples enfermeiro que gostava de fazer montanhismo! De volta aos EUA, meteu-se ao trabalho. Acima de tudo queria cumprir a sua promessa a estas crianças. Enviou centenas de cartas para potenciais doadores. Ao mesmo tempo, trabalhava num hospital e vivia em sítios baratos para economizar dinheiro, que podia fazer tanta diferença no outro lado do mundo. Quase não obteve respostas aos seus pedidos, mas por algum milagre do destino, obteve uma doação de um idoso rico, pioneiro da revolução dos computadores no Silicon Valley, e que também gostava de montanhismo. Esta doação era suficiente para construir a escola. Greg voltou ao Paquistão, comprou os materiais e iniciou a sua viagem para as montanhas. A meio do caminho foi confrontado com um problema que não tinha imaginado. O camião com os materiais nunca poderia chegar à aldeia. Para isso era preciso primeiro construir uma ponte. Greg nem queria acreditar. Como podia ter sido tão ingênuo? Mas o que fez? Não desistiu. Voltou aos EUA, angariou mais apoios e, depois, voltou para o Paquistão e construiu a ponte. Depois, construiu a escola.

Desde então, Greg Mortenson já conquistou muitas simpatias e admiradores. Criou uma Fundação e já construiu dezenas de escolas. Nestas escolas, meninas e meninos têm uma oportunidade diferente. Lá dentro, embora possam estudar o Corão, não vão ser encaminhados para o extremismo, como acontece em muitas Madrassas dessa região. Na mesma altura em que o seu país bombardeava o Afeganistão para “combater o terrorismo”, Greg estava a cortar o terrorismo pela raiz.

Combatendo a pobreza e dando acesso à educação.

Greg Mortenson é um homem de muita determinação ²⁰

Ligação recomendada

- <http://www.teamhoyt.com> - site oficial desta equipa fantástica de pai e filho.

Leitura recomendada

- “Three Cups of Tea: One Man’s Mission to Promote Peace ... One School at a Time”, Greg Mortenson, David Oliver Relin, 2007. A história fascinante de Greg Mortenson.

²⁰Durante a edição deste livro, surgiram, na imprensa internacional, algumas dúvidas quanto à gestão do dinheiro na Fundação de Greg Mortenson e mesmo quanto à veracidade de alguns eventos relatados no livro “Three Cups of Tea”. Por não estar em condições de avaliar a fidelidade das acusações, decidi manter a história de Greg neste livro. No caso de se provar que houve aproveitamento individual de donativos, espero que pelo menos a sua história inicial de determinação e de luta incansável se mantenha. Se tiver havido falta de honestidade, esta história servirá ainda para reforçar a ideia de que não podemos ter sistemas que dependam de uma só pessoa. Não podemos deixar tudo na mão de “salvadores”, mesmo que inicialmente estes sejam movidos pelas melhores intenções. Precisamos sim de organizações transparentes e com capacidade de regeneração.

A importância de nos conhecermos

Muitas pessoas morrem sem nunca terem descoberto o que é que andaram cá a fazer. Nada podia ser mais triste.

Tu, caro leitor: o que queres fazer da tua vida? O que queres recordar no leito da morte? O que queres que os outros pensem e digam de ti? Quais são os teus interesses? Quais são os teus defeitos? Quais são as tuas forças? Quais são os teus medos? O que é que te deixa acordado durante a noite? O que é que gostas de fazer mesmo que seja preciso pagar por isso? O que é que detestas? O que te deixa de mau humor? O que é que te dá prazer? O que te deprime? O que queres dar aos outros? Como queres contribuir? Qual gostarias que fosse o teu legado?

Se sabes responder a tudo isto, não precisas deste livro para nada. Já tens todas as respostas que precisas. És alguém excecional e vais ter uma vida extraordinária. É de ti que precisamos!

No entanto, a maior parte das pessoas nunca se colocou estas perguntas e portanto não encontrou as respostas. Não se conhecem a si próprios! Quando vejo tanta falta de introspeção e tantos psicólogos no desemprego em Portugal, eu digo-me: tanto potencial desperdiçado! Tantos profissionais que se trei-

naram para ajudar as pessoas a analisarem-se e ninguém está a aproveitar. Tanta gente com sede, tanta água e ninguém começa a beber!

Façam essas perguntas a vocês próprios. Leiam. Interroguem-se. Falem com os outros. Vão a grupos de discussão. Vão a um psicólogo. Eles estão treinados para vos fazer as perguntas certas na altura certa. Descubram-se a vocês mesmos!

É a maior contribuição que podem dar para acabar com a crise. Mas aviso já que há um efeito secundário para o qual não vos adverti: correm o risco de serem mais felizes!

Atitude recomendada:

- Ponha as perguntas da página anterior a si próprio e reflita (este processo pode demorar meses ou até anos).
- Cada vez que encontrar uma resposta, celebre o prazer de se conhecer melhor!

A importância dos direitos das minorias

Sobre este assunto não preciso de escrever muito, pois Portugal já está na linha da frente.

Na última década, fizeram-se avanços incríveis quanto ao respeito dos direitos das minorias. Os de maior destaque foram a descriminalização da interrupção voluntária da gravidez e a legalização do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Como são lutas já ganhas, não preciso de as justificar muito, mas já que estou a escrever um livro, gostaria de celebrar estas vitórias dando a minha opinião sobre esses assuntos. Gostaria também de felicitar os decisores políticos que tiveram a coragem de fazer estas reformas. Foram extraordinários!

Podem perguntar-se: “se este livro é sobre democracia, porque é que as minorias contam tanto? A democracia não é seguir a opinião da maioria?”.
Não.

A democracia é feita para seguir a opinião das maiorias apenas quando existe um conflito de interesses. Quando há uma regra que afeta toda a gente, é sensato escolher aquela que a maioria prefira. No entanto, quando algo só afeta uma minoria e não tem nada a ver com o resto das pessoas, as leis

devem respeitar essas minorias.

Como heterossexual, a minha vida não se altera minimamente se dois homossexuais assinarem um contrato num notário, assumindo responsabilidades entre si. O que é que isso tem a ver comigo? Nada.

A questão do aborto é mais polémica, porque levanta-se a questão da vida de uma terceira pessoa (ou pessoa em potencial): o feto. Esta é uma questão ética legítima, mas a minha opinião é clara. Dadas as circunstâncias atuais, esta deve ser uma decisão apenas da mãe. Trata-se do seu corpo. Se dentro de umas décadas tivermos tecnologia suficiente para, de forma segura, removermos um feto do ventre da sua mãe e o deixarmos desenvolver dentro de uma máquina ou de uma “barriga de aluguer” e tivermos mecanismos sociais para lhe garantir uma família, então, talvez, eu defenda a penalização da interrupção da gravidez.

Até lá, não me considero no direito de forçar uma mulher a passar por uma gravidez indesejada. Não posso forçá-la a viver com uma barriga maior, mais peso, problemas de costas, problemas hormonais, problemas de nutrição, riscos laborais, uma enorme insatisfação psicológica e riscos de depressão. E se ela decidir interromper a gravidez, não me considero no direito de a enviar para uma prisão. Para quê? Essa mulher é um perigo para alguém nas ruas deste país?

Deem-me mais tecnologia e talvez a minha opinião sobre uma questão ética se altere. Interessante, não?

À espera de um salvador

Muita gente em Portugal ainda está sentada à espera do Dom Sebastião. É uma posição confortável. Estar sentado não é muito cansativo. Não doem as costas e as pernas não se cansam. Se ainda por cima pudermos esperar sentados em frente a uma televisão, ainda melhor. Assim até ficamos entretidos! Confesso que também gosto de fazer isso de vez em quando. Adoro conforto.

Mas tenho uma má notícia: o Dom Sebastião morreu no século XVI.

As nossas vidas são demasiado importantes para se ficar à espera de alguém que venha resolver os nossos problemas. É reconfortante pensar que tudo vai mal por causa dos outros. Diz-se: “se pelo menos tivéssemos um bom Primeiro Ministro. Se *eles* governassem isto bem, eu seria mais rico e andaria feliz”. E pensam: “só não percebo porque é que isso nunca aconteceu. A vida é mesmo injusta. Pensava que se votasse no partido A em vez do partido B, isto ia finalmente resolver os meus problemas todos. Hmmm... Se calhar não é o governo. Se calhar há algo de superior. Talvez esteja escrito nos astros! Vou ouvir os astrólogos. Eles agora até falam na televisão de serviço público, devem servir para alguma coisa! De certeza que isto tem a ver com o meu fado, o meu destino. Não há nada que eu possa fazer.”.

O que precisamos não é de salvadores.

Os heróis já morreram todos. Agora queremos soluções robustas, que não dependam só de uma pessoa. Queremos sistemas menos hierárquicos, mais distribuídos, com tolerância a falhas. Se morrer um grande líder e pensador, não quero passar fome. Era só o que me faltava! Na altura dos reis, era “um sim, um não”. Se o rei fosse bom o país enriquecia, se fosse mau era o desastre durante umas décadas. Não é por aí que vou procurar novas soluções!

As democracias atuais, nesse aspeto, já são muito melhores do que os reinados ou as ditaduras. Temos mecanismos de renovação. Se um governo for mau, só vai fazer asneiras durante 4 anos, depois vai perder as eleições. Isso é ótimo, mas a evolução não acaba aqui.

O século XXI vai ser o século das democracias mais participativas. Tomaremos decisões de forma mais “orgânica”. Teremos sistemas auto-organizados, flexíveis, ágeis. Mais vivos, capazes de curar as suas feridas.

Este século vai ser feito de gente como tu e eu. Gente que quer contribuir, mas que não quer passar os dias na Assembleia da República nem viver em São Bento. Queremos contribuir, queremos ter voz e queremos ter poder para mudar as coisas. Mas não queremos ser políticos carreiristas. Há em Portugal tanta gente com tanto talento e potencial, que eu até tenho dificuldade em acreditar no que andamos a desperdiçar. São cientistas de topo, economistas, empreendedores, artistas, professores, atletas, médicos, enfermeiros, psicólogos, engenheiros, arquitetos, trabalhadores sociais, etc. E outros estão a estudar para o serem. Há por aí tanto talento que até mete medo! Mas curiosamente, nunca ouvi nenhuma pessoa talentosa da minha geração a dizer que quer ser Primeiro Ministro ou Presidente da República. E fazer disso profissão. Nunca ouvi dizer. E eu

também não quero! Porquê? Porque temos outros interesses para além da política. Da guerra política *de per se*. Queremos contribuir sem ter de passar pelos jogos internos de um partido. Pela mesquinhaice das lutas pelo poder. Não queremos entrar em combates clubísticos e demagógicos. Para quê? No modelo atual, as pessoas com mais incentivo para lutar por cargos de poder são as menos talentosas. Os outros não precisam da política para nada. São bons no que fazem e pronto. E depois há uns heróis: uma minoria de políticos que são talentosos e servem a causa pública. Mas já vos disse que não quero depender de exceções. Quando se trata da minha vida, prefiro não depender da sorte!

Na nova democracia, os partidos vão refrescar-se muito mais rapidamente. Vamos ter mais movimentos de cidadãos a propor leis. Vamos ter mais independentes com cargos de poder. Vamos ter mais referendos. Vamos votar pela Internet. Vamos ter acesso facilitado a toda a informação e de modo mais organizado. Vai haver transparência. Vai haver responsabilização dos decisores. Vai haver mais promoção do mérito. Vai haver mais reconhecimento. Vamos aprender a admirar os novos políticos. Vamos todos participar mais!

Cidadania recomendada:

- Junta-te a um partido. Ou melhor, cria um partido novo!
- Propõe uma votação para um referendo por iniciativa popular. Bastam 75 mil assinaturas!
- Candidata-te como independente a um cargo público
- Divulga as tuas opiniões!

Geração à Rasca e o 25 de Abril 2.0

Tendo nascido num Portugal democrático, quero dizer algo à geração dos meus pais: Obrigado pelo 25 de Abril! A vossa geração (e a anterior) fez algo de lindo. Libertou todo um povo de uma ditadura opressora e mesquinha. Fez História. Com todas as letras: “vocês são os meus Heróis!”. É difícil imaginar uma contribuição maior de uma geração. Foi o legado mais fantástico que alguém nos podia ter deixado. Só tenho a acrescentar uma coisa:

Agora é a nossa vez!

A geração dos nossos pais viveu a alegria da Revolução e sonhou com um país livre, democrático, próspero e justo. Em grande parte, conseguiram. Todos os indicadores de desenvolvimento estão muito melhores do que há 40 anos. Melhor saúde, mais educação, liberdade de expressão, somos mais ricos, temos mais acesso à cultura, viajamos mais. Enfim, temos muito melhores condições de vida e mais opções. Isto tudo em menos de 4 décadas? Uau! Se existe alguma história de sucesso, esta é uma delas.

Ao mesmo tempo, o mundo ficou mais complexo. Ficou mais interligado e globalizado. Há mais informação, mas é também mais difícil filtrá-la e os sistemas são cada vez mais

difíceis de compreender. Diz-se: “Como é que o facto de os americanos terem vendido muitas casas a gente que não as podia pagar, contribui para os 10% de desemprego em Portugal? Como é que estamos tão endividados e compramos tudo ao estrangeiro? Laranjas vindas de Espanha e quase tudo o resto da China! Mas eu nunca estive na China. Eles afinal agora são Comunistas ou Capitalistas? Uma coisa é certa, fazem tudo mais barato do que nós! E nós ficamos sem empregos. E já viram os vizinhos espanhóis? Eles aproveitaram bem os fundos de desenvolvimento da União Europeia. Nós aqui só comprámos *jeeps* e fizemos obras extravagantes e inúteis. Estamos na cauda da Europa. Neste país só se fala de futebol!”... E concluem: “Não há nada que se possa fazer. Vai ser sempre assim. Já viram os nossos políticos? Aquilo é só tachos! Acumulam reformas com salários e quando perdem as eleições vão ganhar mais salários chorudos para os bancos ou para outras grandes empresas. Tudo isto é um escândalo!”.

Até aqui eu ainda ouço o rio de lamentações e de fatalidades. Mas depois, por vezes, surge a frase mais triste de todas: “afinal estávamos melhor com o Salazar! Antes havia disciplina, havia respeito! Tínhamos agricultura, tínhamos pesca, tínhamos indústria!”.

Nessa altura apetece-me chorar. Sim, chorar.

Há alguns anos atrás Salazar até foi considerado o maior português de sempre, num concurso televisivo com votações do grande público. Para mim, este facto é uma enorme fonte de embaraço, quando algum amigo estrangeiro me pergunta: “Mas o que é que vos passou pela cabeça? Ele não era um ditador?”. Eu tento sorrir e tento sugerir que deve ter sido alguma distorção provocada por um pequeno grupo de extremistas que, de algum modo, conseguiu fazer muitos telefonemas.

Será que por haver dificuldades novas durante o caminho, é

que agora vamos querer andar 40 anos para trás?! Mas alguém no seu perfeito juízo acha que tudo pode correr bem à primeira, sem qualquer contrariedade?

Eu compreendo que num mundo tão complexo, as soluções mais simplistas se tornem atrativas. Dizem: “Já não percebo nada do que se passa. É isto a democracia? Então prefiro ter um ditador.”. Claro, nas ditaduras tudo é muito simples e claro. Meia dúzia dão as ordens, todos os outros obedecem. Não tem nada que saber. Até uma criança de 3 anos percebe esse modelo. “Calas-te e comes!”. Anda tudo direitinho. Anda tudo na linha!

Se o poder autoritário funcionasse, era ótimo. Já tínhamos resolvido os problemas todos há muito tempo. Antes até havia reis, imperadores e faraós. Toda a gente percebia as regras e andava tudo direitinho! Mas toda a gente vivia na miséria.

Obrigado pelo 25 de Abril, não queremos perdê-lo!

O que queremos é que nos deixem resolver os problemas difíceis da atualidade. Fomos treinados para isso. Foi neste mundo que nascemos! Jogamos jogos de computador complexos desde putos, mandamos SMSs e emails de olhos fechados, falamos várias línguas, temos amigos pelo mundo fora, estudamos, viajamos, trabalhamos e discutimos política. Lemos notícias e propomos soluções. Queremos resolver os problemas difíceis do país. Esse é o jogo mais estimulante que podemos jogar! É o jogo da vida real. É a experiência melhor que podemos ter, enquanto passamos por este planeta. Que mais podemos pedir do que poder decidir sobre o nosso futuro e lutar por isso? Lutar por isso a cada dia que passa. Um dia de cada vez.

O que está a deixar esta geração à rasca é o excesso de protecionismo e de paternalismo. É a inibição da nossa capacidade criativa e transformadora. É o atrito que nos fazem! É

o medo excessivo de arriscar que nos tentam impor.

Políticos: acabem com os discursos pessimistas. Parem de dizer que estamos numa enorme crise e que precisamos de mais sacrifícios. Só me falam do que está mal! Eu tenho a dizer: sim, há muito para melhorar, mas desde os tempos de Dom Afonso Henriques que nunca nenhuma geração teve tantas oportunidades, tanto talento e tanto potencial como a nossa! Estamos prontos.

Obrigado pelo 25 de Abril!

Agora é a nossa vez!

Música recomendada:

- “Parva que eu sou” dos “Deolinda” - a música que marcou o início do movimento da Geração à Rasca.

O que temos a ganhar?

Imenso.

Temos um potencial enorme para aproveitar. Quase tenho vertigens quando imagino quão mais alto podemos voar!

Portugueses, amigos: no mundo atual existem países em que o PIB per capita é 3, 4 e até 5 vezes superior ao de Portugal. Por ironia do destino, o país com maior PIB per capita do mundo - o Luxemburgo - tem quase 16% de população de origem portuguesa.²¹

Nestes países mais prósperos há menos corrupção, melhor educação, melhor saúde, mais qualidade ambiental, menos problemas sociais, e imagine-se: as pessoas trabalham menos horas! Trabalham menos horas e têm mais tempo livre e dinheiro para atividades culturais e de lazer. Isso não é fantástico?

Portanto, sabemos o que é possível atingir.

Mesmo que não inventemos nada de novo, e apenas sigamos as boas práticas dos países que já fizeram esse percurso, podemos chegar lá. Apenas observando a realidade, sendo pragmáticos, replicando as boas práticas e trabalhando, podemos ficar até 400% mais ricos e, para além disso, ter uma vida melhor!

²¹Fonte: STATEC Luxembourg, dados de 2010. Cálculo: $\frac{79800}{502100} \approx 0.1589$

Não vejo razão nenhuma para Portugal não poder crescer 5% ao ano durante 20 anos, se fizermos as coisas bem feitas. E se o fizermos, ainda estaremos bastante mais pobres do que o Luxemburgo atual.²² Penso que é até possível crescer mais rápido do que isso. A China e a Índia têm crescido muitas vezes perto dos 8% e 10% ao ano. Claro que é sabido que quando se parte muito de trás é possível crescer muito mais rapidamente.²³ No entanto, Portugal não sofre de nenhuma fatalidade que nos proíba de ter os mesmo números. Basta seguir boas práticas. Funciona. Estamos à espera de quê?

E o que temos de fazer já amanhã?

Só um pequeno passo.

E depois de amanhã?

Outro pequeno passo.

Pessoal, vamos começar a mudar isto. É a nossa vez!

Estatísticas recomendadas

- Use o serviço gratuito “Google Public Data Explorer”. Visualize a evolução histórica dos países quanta à sua riqueza, à sua população, à taxa de desemprego, à esperança de vida, ao salário mínimo, à penetração da tecnologia e muito mais. Pode gerar os seus próprios gráficos, escolhendo os indicadores e os países de interesse.

²²Para dentro de 20 anos termos o PIB nominal per capita do Luxemburgo atual, esse indicador teria de crescer a cerca de 8.2% ao ano. Fonte: Fundo Monetário Internacional, dados de 2009. Cálculo: $(\frac{106550.822}{22027.594})^{1/20} \approx 1.082$.

²³Angola até já teve crescimentos na ordem dos 20% num ano. Isto só é possível em países em que quase tudo está por fazer.

Videos recomendados:

- Procure as apresentações de Hans Rosling sobre o desenvolvimento humano. As mais conhecidas e aclamadas foram feitas sobre a forma de TED talks.

Reflexão recomendada:

- Depois de olhar para os números, ficou surpreso? Eliminou alguns preconceitos?

David contra Golias

Há dois destinos possíveis para o movimento de protesto que a nossa Geração já começou:

1. Vai extinguir-se e tudo vai ficar na mesma
2. Vai ganhar mais força, visibilidade e iniciar transformações profundas

Este livro foi a minha pequena contribuição para que a segunda hipótese tenha mais probabilidades de se realizar.

Se o movimento crescer, as portas estão abertas para se construir a democracia versão 2.0 em Portugal.

Nesse cenário ainda utópico (mas lindo!), qual será a reação das pessoas que ganham a vida com carreiras políticas profissionais na “velha democracia”? O que é que os atuais políticos profissionais vão dizer? Como vão reagir? Como vão lutar pela sobrevivência dos seus interesses?

Esta vai ser uma luta de David contra Golias.

A desvantagem de atacar grandes poderes estabelecidos é que estes têm muita força. Dominam os *media*, têm muito dinheiro, exploram os nossos medos, usam a corrupção, etc. É muito difícil vencer um Golias.

A única forma de o fazer é mudar as regras do jogo e ser mais ágil do que eles.

Se pensarmos bem, podemos encontrar alguns pontos vulneráveis na grande “besta”. Os grupos de interesses poderosos são muito previsíveis. São lentos e têm muito inércia.

Quando algum grupo está numa posição de domínio, é fácil saber como vai reagir: vai lutar até à exaustão pela sua sobrevivência e para manter esse domínio tão vantajoso.

Aqui está uma lista das estratégias que vão ser usadas para defender o atual sistema:

1. A estratégia do negacionismo - trata-se de ignorar a revolta de forma propositada. Quando o ataque não é muito visível, o melhor é nem se falar nele. Assim talvez ele se extinga, sem nunca ter de se reagir.
2. A estratégia da desvalorização - consiste em dizer: “é verdade que há jovens descontentes e a propor alternativas. Isso é bom e nós estamos a ouvir, no entanto andamos ocupados a resolver a real crise política e financeira. Deixem lá os jovens falar, eles sempre foram utópicos e idealistas. Pensam que governar é fácil?”
3. A estratégia do medo - pode dizer-se: “Todos sabem que vivemos numa enorme crise e que a ajuda externa está eminente (ou já aconteceu). Vivemos com 10% de desemprego, as agências de *rating* e os mercados estão a olhar para nós como abutres. Se não tivermos total estabilidade institucional e ordem social, vamos ser devorados vivos. Vai ser uma catástrofe para o país e vamos voltar a níveis de pobreza históricos. Será que querem começar a brincar às pequenas revoluções? É tempo de ser-se responsável e fazer sacrifícios pelo grande interesse nacional. Vamos conseguir, só mais um esforço!”

4. A estratégia do aproveitamento político - cada partido vai escolher um pequeno subconjunto das reivindicações deste movimento cívico e tentar utilizá-lo a seu favor. O partido X vai dizer: “esta Geração está a defender as mesmas coisas que nós temos vindo sempre a dizer e que por isso todos deviam votar em nós. Nós não fazemos parte do sistema que vocês criticam. Não temos culpa nenhuma. Estamos do vosso lado, votem em nós!”
5. A estratégia da absorção - esta é a estratégia mais inteligente e também a mais perigosa. Quando as grandes empresas de *software* se sentem ameaçadas por alguma pequena empresa que está a começar a desenvolver um produto inovador, fazem uma coisa simples: compram! Fazem uma aquisição e absorvem a pequena equipa antes de ela crescer muito. Isto é perfeitamente legal e legítimo. Os fundadores da jovem empresa podem sempre recusar, ninguém os obriga a vender. Mas quase sempre, estes vão vender, pois significa que se tornaram instantaneamente ricos. A estratégia de algumas *startups* até é mesmo essa: querem dar nas vistas e ser adquiridas por gigantes. Ótimo, são as escolhas de cada um. No entanto, sabem que ao fazê-lo, a inovação que fizeram vai provavelmente perder-se, ou vai avançar muito lentamente, pois agora estão diluídos numa enorme e burocrática organização. Deixaram de ter liberdade para tomar decisões e ficaram menos ágeis. Pior, já não têm grandes incentivos para fazer melhor, afinal já são ricos. Neste movimento social que estamos a criar, pode acontecer o mesmo. Da Geração à Rasca, vão emergir alguns jovens líderes naturais. Serão jovens talentosos, com ideias e com vontade de contribuir. Se estivesse na pele de um bom estratega político num dos partidos com assento parlamentar, o que faria? Aquisição! Basta con-

vidar alguns desses jovens para integrarem as listas do partido nas próximas eleições. Oferece-se um cargo como autarca, deputado ou talvez uma secretaria de Estado. Diz-se ao jovem: “já ganhaste, tens um cargo de poder. Junta-te a nós!”. Tal como não critiquei os fundadores de empresas que decidem vender, também não vou criticar os líderes emergentes da Geração à Rasca que aderirem aos atuais partidos políticos. Pode ser que até possam dar uma boa contribuição nos cargos que aceitarem. É uma escolha pessoal. Só espero é que estejam conscientes que ao fazê-lo vão também ser diluídos numa enorme engrenagem que já está em marcha. Vão ter de remar ao contrário, num enorme navio que já escolheu a sua direção. Dentro do partido a que te juntares já se sabe quem manda e não serás tu. Tu serás um jovem que deve estar muito agradecido pela oportunidade que te deram e por agora teres um bom salário. “Não era o que querias? Já não estás à rasca!”

Se todas estas reações dos partidos são apenas mecanismos egoístas de autodefesa, que outra coisa é que eles poderiam fazer? Será que dar cargos de poder aos jovens “revolucionários” não é o melhor que podem fazer? Parece que não há nada que os atuais políticos profissionais possam fazer para provar a sua honestidade e “sacrifício pela causa comum”.

Sim, há.

Há uma reação alternativa que os líderes políticos e partidários podiam ter que seria perfeitamente consistente com o seu discurso. Há uma solução onde as suas ditas “ideologias” podem continuar a ser defendidas, onde demonstrem “superior interesse nacional”, e total “desprendimento individual”.

Passo a explicar.

Acho que um partido político sério e que defenda os interesses do país, pode abrir-se completamente aos seus militantes e simpatizantes. Podem inverter a pirâmide! Podem renovar-se completamente.

Proponho que cada partido vá à sociedade civil escolher as personalidades de destaque nas várias áreas. Escolham as pessoas que simpatizam com o vosso partido e que são excelentes nas suas profissões. Vão às universidades, às empresas, aos meios artístico e cultural, etc. Vão procurar as melhores pessoas que simpatizam com a vossa “ideologia” onde quer que seja. Escolham à vontade, mas escolham os melhores porque são esses que irão a votos! Nenhuma das pessoas selecionadas para as listas deve ter tido já um cargo dentro do partido e não pode ter nunca exercido um cargo de poder. Essa é a regra. Quero poder votar em pessoas que nunca estiveram na política!

E não me digam que não é possível, pois qualquer dos partidos com assento parlamentar tem uma base de eleitores de centenas de milhares de pessoas. De milhões até, no caso dos dois maiores partidos. E não me digam que seria uma lista sem qualidade. Afinal foram escolher as melhores pessoas dentro do grupo que dizem representar.

Invertam a pirâmide!

Façam uma lista de simpatizantes que nunca estiveram no poder e demitam-se em bloco!

Para mim, isso era a maior prova de “desprendimento individual” e “sacrifício à causa pública”.

Até faço uma promessa pessoal: eu voto no primeiro partido político com assento parlamentar que fizer isso. Seja ele de esquerda ou de direita.

Após esta proposta tão clara e explícita, o único argumento que os atuais políticos profissionais poderiam utilizar para de-

fender o seu posto seria: “não se pode fazer isso. As pessoas não têm experiência de governação. Seria muito irresponsável fazer uma mudança tão radical!”.

Ok, eu tenho uma ideia simples para resolver o problema da inexperiência.

Usem a vossa dedicação à causa pública para facilitar a transição para os “inexperientes”. Durante os primeiros dois anos do novo mandato, façam o seguinte: disponibilizem-se para sessões de esclarecimento e de transferência do saber. Cada duas semanas, reservem uma sessão parlamentar para que os atuais inexperientes deputados possam colocar perguntas sobre alguns procedimentos, protocolos e boas práticas. Mais: queremos ver isso transmitido na televisão pública! Se todos os portugueses puderem aprender um bocadinho desse saber técnico de ser bom deputado ou governante, talvez nas eleições seguintes já haja gente com mais preparação para a nova renovação.

Façam isso como uma missão didática e de desprendimento individual.

Provem-nos que são os políticos que dizem ser.

Prólogo

Quando disse que estava a escrever este livro tive muitas reações de incentivo. Senti que havia uma ansiedade grande por ver mais gente a contribuir e a propor soluções. Andamos fartos de falar de crises, e agora queremos é andar para a frente.

No entanto, também tive algumas reações de preocupação. Alguns perguntaram: “Não tens medo de te sentir ridículo quando leres o teu próprio livro daqui a alguns anos? Talvez mudes de ideias em relação a muitas coisas e te arrependas das opiniões que defendeste.”. E outros disseram: “Não tens medo da opinião dos outros? Podes vir a ser muito criticado. Não precisas de te pôr nessa posição desconfortável.” .

Refleti sobre esses dois medos: o medo da autocrítica e o medo da crítica social e cheguei a uma conclusão: estava disposto a arriscar!

A razão por que não receio uma severa autocrítica não se deve ao facto de ter muitas certezas sobre mim próprio. Acredito até que devo ter dito várias coisas com as quais não vou concordar dentro de alguns anos, quando a minha visão do mundo se aprofundar. No entanto, a mensagem do livro não é: “tenho razão em tudo que digo”, mas sim “a minha perspetiva atual é esta, quero dar um contributo *agora*, quero continuar a questionar-me e a aprender mais!”.

No caso de o livro ser lido por alguém, vou ter também

de lidar com a crítica pública. Isso vai ser mais difícil, pois não é algo a que esteja habituado. No entanto, creio que não há grandes razões para uma oposição feroz a este livro. Não foi escrito contra ninguém, não há ataques pessoais, e apenas exponho as minhas ideias e sugestões.

O objetivo deste livro é incentivar os cidadãos a contribuírem mais para a democracia. Acredito que todos podemos ganhar com isso!

Se gostou do que leu, mesmo que não concorde com muitas coisas, espero que se sinta motivado para lutar mais pelo bem comum.

À sua maneira. Pela sua própria cabeça.

Quando for a sua vez de falar, eu estarei cá para o ouvir!

Leitura Recomendada:

- “The Art of Non-Conformity: Set Your Own Rules, Live the Life You Want, and Change the World”, Chris Guillebeau, 2010. Um livro inspirador que fala da importância de escolhermos o nosso próprio rumo. Para mim, este livro foi a “gota de água” que despoletou uma série de alterações profundas na minha vida.

Agradecimentos

Este livro expressa apenas as minhas opiniões e sou o único responsável por quaisquer erros.

Vários amigos e familiares tentaram minimizar as probabilidades de um “suicídio público” ao lerem rascunhos deste livro. Queria agradecer-lhes pelo fantástico trabalho que fizeram em tão pouco tempo. Detetaram erros, assinalaram discordâncias, propuseram melhorias e incentivaram-me a continuar. Sem eles, a obra final seria muito mais pobre. Quero também pedir-lhes desculpa por não ter conseguido integrar ainda mais das suas sugestões. A certa altura tive de optar entre publicar o livro rapidamente ou continuar a melhorá-lo. Dada a sua natureza interventiva, achei por bem privilegiar a prontidão em detrimento de uma maior qualidade formal ou “académica”.

Queria também agradecer ao resto dos meus familiares e amigos, que, embora não tivessem estado envolvidos na edição deste livro, estiveram profundamente envolvidos na minha formação como pessoa. Este livro é o resultado de todas as coisas boas que surgiram dessa interação. Estou eternamente grato por tudo o que me ensinaram e por todas as vivências que me proporcionaram.

rui tia ana
sérgio luis pai
miguel pedro
dani alda virginie joão
mãe cristina tio
xana ricardo

Sobre o autor

Nasceu no Porto, 2840 dias depois da Revolução dos Cravos. Por dar prioridade ao amor, vive, atualmente, em Lausanne, na Suíça.

Gosta de escrever para computadores e para pessoas. Enquanto andar por este planeta, acredita que pode dar um pequeno contributo.